

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
MESTRADO EM SAÚDE COLETIVA

NATANIELE PATRICIA BOHN PFUETZENREITER

OBESIDADE SOB O OLHAR ANTROPOLÓGICO -
Etnografia online do movimento plus size

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Saúde Coletiva da Universidade Católica de Santos para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Denise Martin

SANTOS

2018

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM SAÚDE COLETIVA

NATANIELE PATRICIA BOHN PFUETZENREITER

OBESIDADE SOB O OLHAR ANTROPOLÓGICO -
Etnografia *online* do movimento *plus size*

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Saúde Coletiva da Universidade Católica de Santos para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Denise Martin

SANTOS

2018

[Dados Internacionais de Catalogação]
Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos

P531o Pfuetzenreiter, Nataniele Patricia Bohn.
2019 Obesidade sob o olhar antropológico: etnografia online do movimento plus
size/ Nataniele Patricia Bohn Pfuetzenreiter; orientadora Denise Martin.
111 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Santos, Programa de
Mestrado em Saúde Coletiva.

Bibliografia:

1. Antropologia. 2. Corpo. 3. Internet. 4. Obesidade. I. Martin, Denise II.
Universidade Católica de Santos. III. Título.

CDU 1997 - 614(043.3)

Maria Rita C. Rebello Nastasi - CRB 8/2240

NATANIELE PATRICIA BOHN PFUETZENREITER

OBESIDADE SOB O OLHAR ANTROPOLÓGICO -
Etnografia *online* do movimento *plus size*

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Denise Martin (Orientadora) – Universidade Católica de Santos

Prof.^a Dr.^a Silvia Viodres Inoue – Universidade Católica de Santos

Prof.^a Dr.^a Regina Matsue – Universidade Federal de São Paulo

_____/_____/_____

SANTOS

À minha filha Catarina que com seu amor incondicional ameniza os momentos de ausência.

Ao meu esposo Elio, sempre companheiro, que me incentiva e que não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Agradecimentos

Agradeço à Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino e que permitiu esta jornada.

À Universidade, professores e colegas quero deixar uma palavra de gratidão por terem me recebido de braços abertos e proporcionaram dias de muita aprendizagem.

O meu agradecimento especial à minha orientadora Prof^a Dr^a Denise Martin pelo profissionalismo, empenho e acima de tudo amizade e carinho sempre presentes. Por fazer do meu trabalho uma experiência positiva e por ter confiado em mim, me orientando e dedicando parte do seu tempo a mim.

Às Prof.^a Dr.^a Silvia Viodres Inoue e Prof.^a Dr.^a Regina Matsue, pela colaboração no exame de qualificação, que muito contribuíram para a conclusão e enriquecimento deste trabalho.

Ao universo que se estabelece no *online*, campo rico e complexo, meu muito obrigada.

Aos queridos amigos que compreenderam minha ausência, que me tiraram deste mundo algumas vezes, ouviram minhas angústias e cuidaram de cada parte de mim. Gratidão amigos.

Aos familiares, que apesar da distância física, estão presentes em meu coração seu apoio, amor e admiração.

O TEU CORPO muda
independente de ti
não pergunta
se deve engordar.
É um ser estranho
que tem o teu rosto
ri em teu riso e
goza em teu sexo.
Lhe dás de comer
e ele fica quieto.
Penteias-lhe os cabelos
Como se fossem teus?
Num relance, achas
que apenas estás
nesse corpo.

Ferreira Gullar

RESUMO

A prevalência da obesidade apresenta índices alarmantes, fato que motivou a Organização Mundial da Saúde qualificá-la como epidemia. Estima-se que 51% da população brasileira está acima do peso. A obesidade remete diretamente como o corpo é representado na sociedade e na área da saúde. É necessário compreendê-la no contexto sociocultural na qual está inserida. O movimento *Plus Size* é uma proposta de enfrentamento, que discute padrões, moda e saúde influenciando comportamentos e o relacionamento dos obesos com o mundo. É na internet que o movimento encontra sua potencialidade. Este estudo qualitativo, baseado na prática online de etnografia, tem como objetivo analisar o movimento *Plus Size* a partir de relatos disponíveis nas redes sociais em uma perspectiva antropológica e identificar os comportamentos ligados aos processos de saúde e doença que integram o movimento *plus size*. Acompanhamos no *Instagram* 3 perfis relacionados ao movimento *plus size* o Blog Mulherão (www.instagram.com/blogmulherao/) de Renata Poskus, (www.instagram.com/alexandrismos/) de Alexandra Gurgel e (www.instagram.com/marianaxavieroficial/) de Mariana Xavier. Analisou-se os resultados em dois grandes eixos. O primeiro se refere as influenciadoras digitais responsáveis pelos perfis, e no segundo eixo os resultados referentes as repercussões nas redes sociais entre as seguidoras. Referente as influenciadoras digitais, observou-se 3 principais discussões: 1.moda: indicações e dicas de onde encontrar roupas e a divulgação da moda *plus size*. 2. Cotidiano das responsáveis pelo perfil, a maneira como vivem e encaram as situações de dificuldades estão entre os assuntos mais comentados, por se sentirem representadas pelas postagens e pela coragem de expor o corpo que constantemente é criticado. 3.Comportamentos que influenciam debates sobre conceitos como empoderamento, gordofobia, saúde, construções sociais e a importância do amor próprio independente do seu peso. Ao apresentar e descrever a repercussão e as interações entre as seguidoras destes perfis, constituiu-se as categorias: Saúde *versus* doença; Doces e amargas relações; Tenho um espelho de corpo todo – influência na vida das seguidoras; Suicídio e Corpo. A internet tem-se tornado uma importante aliada nas discussões sobre os padrões de beleza e sua representação, em especial no corpo gordo. Estes padrões recaem com uma intensidade maior sobre o corpo feminino.

Palavras-chave: antropologia, corpo, internet, obesidade.

ABSTRACT

Obesity prevalence has alarming rates, and it has motivated the World Health Organization to qualify it as epidemic. It is estimated that 51% of the Brazilian population is overweight. Obesity refers to how the body is represented in the society and in health aspects. It is necessary to understand obesity in the social and cultural contexts in which it is inserted. The Plus Size Movement discusses patterns, fashion and health, influencing behaviors and the relationship of obese people with the world. This movement finds its potential on the internet. This qualitative study, based on the online practice of ethnography, aims to analyze the Plus Size Movement from reports available on social networks in an anthropological perspective and to identify the behaviors related to the health and disease processes that compose this Movement. We followed 3 profiles on Instagram that are related to the Plus Size Movement: Blog Mulherão (www.instagram.com/blogmulherao/), Alexandra Gurgel's (www.instagram.com/alexandrismos/) and Mariana Xavier's (www.instagram.com/marianaxavieroficial/). The results were analyzed in two major features. The first refers to the digital influencers that are responsible for the profiles, and the second relates the posts to the repercussions on social networks among the followers. Referring to digital influencers, three main discussions were observed: 1. Fashion: Indications and tips on where to find clothes and the dissemination of plus size fashion. 2. The daily life of people responsible for the profile, the way they live and face the situations and difficulties are among the most commented subjects, because followers feel represented by the posts and the courage to expose the body that is constantly criticized. 3. Behaviors that influence debates on concepts such as empowerment, fat aversion, health, social constructions and the importance of self-love regardless of their weight. When presenting and describing the repercussions and interactions between the followers of these profiles, the following categories were constituted: health versus disease; bittersweet relationships; I have a whole-body mirror – influence in the lives of the followers; suicide and body. The internet has become an important ally for the discussions about the standards of beauty and its representation, especially in the fat body. These patterns reflect with a greater intensity on the female body.

Keywords: anthropology, body, internet, obesity

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

1. INTRODUÇÃO	10
2. APORTE TEÓRICO	14
2.1 A biomedicina	15
2.2 A obesidade	17
2.3 Uma breve contextualização socio-histórica da obesidade	20
2.4 O corpo e a obesidade	22
2.5 O movimento <i>plus size</i>	26
3. OBJETIVO	31
4. PERCURSO METODOLÓGICO	33
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
5.1 Identificando as falas	45
5.2 Influenciadoras digitais	45
5.2.1 Moda	47
5.2.2 Cotidiano	52
5.2.3 Comportamento	55
5.3 Repercussões nas redes sociais	64
5.3.1 Saúde <i>versus</i> doença	65
5.3.2 Doces e amargas relações	69
5.3.3 Tenho um espelho de corpo todo- influência na vida das seguidoras	72
5.3.4 Suicídio	76
5.3.5 Corpo	78

6. CONCLUSÃO	100
7. REFERÊNCIAS	104

1 INTRODUÇÃO

- GORDAAAAA!!!!!!

- Sua gorda!!!!

Qual a idade que esta expressão começa a ser usada para ferir alguém? Quem nunca ouviu ou nunca falou? Quer ferir alguém e principalmente uma mulher, fale que engordou.

Lembro ainda, que minha avó, com seus 98 anos, levou algumas broncas de suas filhas, pois ao encontrar suas noras as elogiava dizendo que tinham engordado. Não entendia que nos dias de agora, não era mais elogio...

Os conceitos referentes as pessoas gordas estão fortemente enraizados em nossa cultura, repletos de valores morais e éticos. A gordura é transformada em obesidade através da intervenção médica, seguindo um processo de medicalização como descrito por Foucault (2011), que adentra espaços do cotidiano, do social e engloba objetos antes não tratados.

É sobre o corpo que recaem os principais paradigmas da obesidade, este corpo que pode ser múltiplo, que representa um papel conforme o contexto que se encontra, como descrito por Mol (MARTIN, SPINK e PEREIRA, 2018) ou dois, o individual e o social, este último como necessário para viver num contexto sociocultural (HELMAN, 2009), produto e produtor de uma cultura (MALUF, 2003).

É na cultura Ocidental que esta busca pelo corpo perfeito acontece com maior ênfase. Uma cultura repleta de padrões de beleza, corpos extremamente magros em propagandas, programas de televisão, levando ao aumento constante de intervenções cirúrgicas, transtornos alimentares. Seus principais atores são as mulheres que buscam se ajustar a estes padrões de beleza (HELMAN, 2009).

Diante da complexidade que a gordura e obesidade se apresentam na sociedade, é essencial uma discussão que extrapole a concepção biomédica. É importante compreender como a vida ocorre fora dos padrões determinados socialmente. Através deste estudo procuro identificar os processos que se estabelecem em torno do movimento *plus size*. Para isso farei uso de alguns recursos para estabelecer esta linha de investigação.

Iniciando pela Saúde Coletiva que constituída nos limites do biológico e do social, tem como tarefa investigar, compreender e interpretar os determinantes da produção

social das doenças e da organização social dos serviços de saúde. Ela se estabelece em três grandes espaços de formação e investigação: epidemiologia, política e planejamento e as ciências sociais e humanas (NUNES, 2006).

As ciências sociais e humanas, apoiadas na base teórico-conceitual, proporcionam conhecer o processo de vida, trabalho, doença do indivíduo e da coletividade que está inserido e suas representações entre o natural, social e cultural (NUNES, 2006). É neste contexto que o meu trabalho se constitui.

A antropologia da saúde permite compreender o contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido. Langdon (2009) traz os estranhamentos sobre discutir cultura e saúde no mesmo contexto provocam. No entanto, ao considerarmos saúde como forma de um sistema sociocultural integrado, as questões sobre saúde e doença não podem ser estudadas dissociadas dos aspectos da vida social e cultural (LANGDON, 2009; SANTOS, 2012).

O meu lugar neste trabalho gera um constante estranhamento. Colegas procurando um motivo o porque eu falaria sobre obesidade? Alguns ficam curiosos, outros intrigados, mas afinal porque você fala de obesidade? Uma coisa era certa, queria falar sobre obesidade sob outro aspecto, que não fosse o epidemiológico.

Ainda que não explícito, aos poucos pude perceber que por meu corpo e minha corporalidade serem diferentes das quais estou estudando, podem ser a origem destes estranhamentos. Minhas falas causam um olhar de desconfiança, talvez por não fazer parte deste contexto.

Sou enfermeira, disciplinada pela biomedicina, agora mestranda de Saúde Coletiva, encontrei minha orientadora antropóloga, grandes desafios pela frente, como a minha desconstrução e reconstrução no modo de ver a saúde.

Ao propor escrever este trabalho pensei que seria uma longa jornada, e muitas vezes essa jornada é solitária, tanto para quem escreve, quanto para quem o lê. Arrisco nas próximas páginas estabelecer um diálogo, na perspectiva de trazer uma leveza para uma conversa muito enraizada na perspectiva biomédica que é a obesidade.

Navegar pela internet me pareceu uma tarefa simples, de certa forma cômoda e tranquila. Mas não é desta forma que se apresentou, deslizar os dedos entre posts e comentário se tornou uma atividade densa, estava imersa num outro mundo.

Redes sociais e principalmente *Instagram* não faziam parte do meu dia a dia, e sobre esta relação entre campo e pesquisador Lévi-Strauss (2003) nos apresenta que “toda sociedade diferente da nossa é objeto” e desta forma os perfis do *Instagram* se tornaram meu objeto. Para Rodrigues (1975), não só o diferente do meu se torna objeto, mas o que pode ser olhado diferente, mesmo que seja o próprio pesquisador. Este exercício entre objetividade e subjetividade depende da capacidade do pesquisador em observar e compreender dissociando-se de si. Neste relacionamento entre pesquisador e o objeto ocorrem estranhamentos, essas diferenças são absorvidas pelo pesquisador, analisadas, processadas, para então fundamentar com a literatura.

Como descrito por Cardoso (1996), seja qual for o objeto de estudo, ele é apreendido e significado pelo pesquisador. Desta forma, o olhar é influenciado pela sua trajetória de formação. Este “treino” deu-se por idas e vindas diárias, onde os símbolos identificados foram processados ao longo do tempo. Não é verdadeira a imparcialidade do pesquisador, para isso, ele ressignifica o objeto com a fundamentação teórica.

Apresentarei uma contextualização da obesidade como um constructo social e cultural, suas repercussões sobre o corpo e formação do sujeito. Busco compreender as repercussões no cotidiano das pessoas e o surgimento de estratégias de enfrentamento das situações que surgem por estarem fora dos padrões estabelecidos pela sociedade.

O *plus size* surge para descrever e vender roupas e transforma-se num movimento que perpassa a moda, torna-se comportamento e atitude. Abordarei sua trajetória e repercussões no cotidiano de pessoas gordas.

Na escolha do método, além dos motivos de minha escolha, apresento o percurso da prática *online* da etnografia, por se apresentar uma estratégia de coleta de dados relativamente recente.

Os dados serão apresentados e descritos em dois eixos. O primeiro referente as responsáveis pelos perfis e o segundo discorre sobre as seguidoras dos perfis. Os resultados foram analisados sob o olhar da antropologia da saúde.

Por fim, apresento a conclusão da pesquisa, que expõe as relações que se estabelecem no ambiente *online* e repercutem no *offline*, os estigmas e preconceitos vivenciados, bem como o protagonismo das mulheres gordas em busca de aceitação, autoestima, amor por seus corpos e a relação destes resultados com a saúde.

2 APORTE TEÓRICO

2.1 A biomedicina

A discussão sobre o objeto de estudo parte das discussões sobre saúde e doença. O conceito de saúde é objeto/fruto de uma construção que possui marcas de seu tempo histórico. Reflete o contexto econômico, social e cultural de uma época e lugar. Aceitar que é influenciado e construído ao longo da história permite compreender que a definição de saúde e cuidado dependem do conhecimento e práticas desenvolvidos em cada sociedade (BATISTELLA, 2007). Muito além do conceito da Organização Mundial da Saúde (OMS) (p.1, 1948) que define saúde como “um completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”.

Desta mesma forma, o conceito de doença também sofre influências de sua época e local na história e sociedade. Referente à doença, Rodrigues (1975, p. 37) descreve que “cada cultura escolhe, dentre muitas virtualidades, algumas que configurarão sua definição de “homem normal”. Este homem não consegue viver num mundo sem normas, assim, ao definir o que é normal, todas as demais características são consideradas “anormais” ou geram estranhamentos na sociedade onde se apresentam. A percepção das manifestações dos fenômenos envolvendo o biológico e individual como doenças são decorrentes de uma organização acima de tudo social e cultural, pois é vista de diferentes formas de acordo com a sociedade ou classe social em que foi socializado.

Desta maneira, os conceitos de saúde-doença, discutidos no contexto histórico e cultural, influenciam as transformações nas formas de tratar as doenças. Em nosso cotidiano, diante dos modelos de atenção a saúde-doença presentes, o mais difundido em nossa sociedade ocidental é a biomedicina (LANGDON, 2003).

A Medicina Ocidental Contemporânea ou Biomedicina mais comumente chamada por ter sua origem na Biologia, foi analisada por vários autores como Foucault (2011), Duarte (2003), Langdon (2003), Camargo Jr (2005).

No livro “O Nascimento da Clínica”, Michel Foucault (2011) faz um estudo referente ao saber médico ocidental, analisa e relata os caminhos da medicina do século XIX. Apresenta as modificações e transformações da medicina clássica até a formação da medicina moderna.

Por meio da anatomia patológica, a biomedicina busca tornar visível tudo o que se

encontra obscuro. O acesso do olhar médico ao interior do corpo o transforma em um saber soberano, que, para o autor, foi uma reformulação do saber e não do nível de conhecimento acumulado (Foucault, 2011).

Langdon (2003), ao rever estudos antropológicos referentes à biomedicina, apresenta as transformações que ocorreram nestes estudos, que inicialmente comparavam uma medicina científica (biomedicina) *versus* medicina primitiva (popular), para iniciar uma relativização da biomedicina, sendo vista como uma das formas de tratar as doenças. Desta forma, esta transformação ocorre pela mudança de conceitos, em que a cultura é aceita como dinâmica, a doença é um processo sociocultural e o conceito de doença é uma experiência corporal mediada pela cultura.

A biomedicina centra seu saber principalmente na doença, que ocupa espaço fundamental e define as ações de diagnóstico, tratamento e medicação, caracterizando-se como o modelo mais aceito no ocidente. Desta forma, Camargo Jr (2005) não anula a sua legitimidade, mas problematiza principalmente a falta da “arte de curar” e a desvalorização da subjetividade do paciente (e do próprio médico).

Discutir os aspectos que constituem os conceitos de saúde, doença e hegemonia da biomedicina proporcionam oportunidades de ampliar os conhecimentos sobre a complexidade de como a vida se apresenta.

Duarte (2003), apresenta a relação destes aspectos com o meio cultural, e a compreensão dos sofrimentos e perturbações. Enfatiza a importância do respeito, visto como a relativização dos saberes, para compreender o ser humano e sua complexa rede de influências.

A biomedicina é um dos modelos de atenção saúde/doença possíveis e apresentou mudanças ao longo dos anos. No entanto, não é o único modelo de medicina, como demonstra Luz (1997) ao descrever a ascensão do uso da medicina alternativa como a medicina tradicional chinesa, homeopatia, medicina tradicional indígena - fitoterapia, medicina ayurvédica, medicinas espiritualistas: umbanda, candomblé e centros kardecistas. A autora relaciona essa ascensão da medicina alternativa a dois principais fatores: o primeiro que a prática médica centraliza a doença como foco da

atuação e da ciência e o segundo, fato relacionado a exclusão da arte de curar¹. Isto afeta as relações tradicionais existentes entre cultura e medicina.

Desta forma é necessário também relativizar a biomedicina para inserir a dimensão que a obesidade ocupa nesta perspectiva.

2.2 A obesidade

Sob a perspectiva biomédica, em 1948, a obesidade passou a ser considerada oficialmente uma patologia pela OMS. Definida como uma doença crônica, caracterizada pelo acúmulo excessivo de tecido adiposo no organismo em extensão tal que acarreta prejuízos à saúde do indivíduo (WHO, 1999).

A prevalência da obesidade vem aumentando de maneira expressiva em todo o mundo, fato que motivou a OMS a qualificar tal situação como epidêmica. A obesidade mundial quase triplicou desde 1975. Estima-se que em 2016, mais de 1,9 bilhão de adultos, com 18 anos ou mais, apresentavam excesso de peso (WHO, 2018).

Nos adultos com 18 anos ou mais, 39% estavam acima do peso em 2016 e 13% eram obesos. Estes dados estendem-se também para 41 milhões de crianças menores de 5 anos que estavam acima do peso ou obesas em 2016. Além disso, mais de 340 milhões de crianças e adolescentes com idade entre 5 e 19 anos estavam acima do peso ou obesas em 2016 (WHO, 2018).

No Brasil, o percentual de pessoas com excesso de peso superou, pela primeira vez, mais da metade da população brasileira. Um estudo do Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 mostrou um aumento contínuo de excesso de peso e obesidade na população brasileira. O excesso de peso entre homens foi de 50,1% e entre as mulheres foi de 48%. Já a obesidade apresentou 12,4% nos homens e 16,9% nas mulheres.

No entanto, dados do Vigitel² de 2016, a frequência de excesso de peso foi de

¹ “Arte de curar” segundo Madel Luz predomina a prática na terapêutica sobre a diagnose, o paciente como centro de atuação.

² VIGITEL (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico) é um levantamento realizado pelo Ministério da Saúde, através de contato telefônico, considerando indivíduos com mais de 18 anos de idade. Realizados coleta dos dados nas capitais federais.

53,8%, sendo maior entre homens (57,7%) do que entre mulheres (50,5%). A frequência de adultos obesos foi de 18,9%, ligeiramente maior em mulheres (19,6%) do que em homens (18,1%). Em ambos os casos, tende a apresentar diminuição com o aumento da escolaridade (BRASIL, 2017).

O instrumento mais utilizado para diagnosticar a obesidade e avaliar seu grau de prejuízo à saúde é o Índice de Massa Corporal (IMC), resultado da divisão do peso corporal (em quilogramas) pela altura (em metros) elevada ao quadrado ($IMC = \text{Peso} / \text{Altura}^2$). O IMC fornece a medida mais útil de sobrepeso e obesidade em nível de população, pois é o mesmo para ambos os sexos e para todas as idades de adultos. No entanto, deve ser considerado um guia aproximado, pois pode não corresponder ao mesmo grau de gordura em diferentes indivíduos (WHO, 1999).

Quadro 1 – Índice de massa corporal

IMC (Kg/m²)	Classificação	Obesidade Grau	Risco de doença
< 18,5	Magreza	0	Elevado
18,5-24,9	Normal	0	Normal
25-29,9	Sobrepeso	I	Elevado
30-39,9	Obesidade	II	Muito elevado
>40,0	Obesidade grave	III	Muitíssimo elevado

Fonte: World Health Organization, 1999.

Também podem ser utilizadas as dobras cutâneas, que permitem obter a densidade corporal e desta forma a quantidade de gordura corporal (SAUTCHUK, 2007).

Segundo a OMS, o excesso de peso e a obesidade estão ligados a mais mortes em todo o mundo do que baixo peso. A obesidade é considerada fator de risco para problemas de saúde como dificuldades respiratórias, problemas músculo-esqueléticos crônicos, problemas de pele e infertilidade. Considerando as doenças com maior potencial de fatalidade, possui maior fator de risco para problemas cardiovasculares, incluindo hipertensão, e acidente vascular cerebral, condições associadas a resistência à insulina e certos tipos de câncer (WHO, 1999).

No contexto biomédico, a obesidade é tratada como consequência de comportamentos que podem ser evitados pelos indivíduos, através de escolhas de sua alimentação, práticas de exercícios, busca de um estilo de vida saudável.

Recentemente, a OMS publicou nota manifestando sua preocupação com o aumento alarmante da prevalência da obesidade, pois a considera como uma doença evitável e relaciona sua causa fundamental como um desequilíbrio energético entre as calorias consumidas e as calorias gastas. Conjuntamente relaciona o sobrepeso e a obesidade com um aumento da ingestão de alimentos ricos em energia e ricos em gordura; e um aumento da inatividade física devido à natureza cada vez mais sedentária de muitas formas de trabalho, mudança nos modos de transporte e aumento da urbanização. Mudanças nos padrões de atividade física e dietética são frequentemente o resultado de mudanças ambientais e sociais associadas ao desenvolvimento e à falta de políticas de apoio em setores como saúde, agricultura, transporte, planejamento urbano, meio ambiente, processamento de alimentos, distribuição, marketing e educação (WHO, 2018).

No Brasil, as Diretrizes Brasileiras de Obesidade (ABESO, 2016) demonstram como diagnosticar a obesidade, suas prováveis causas e seus tratamentos. Observamos assim que a obesidade se estabelece sob o modelo de multicausalidade das doenças proposto por Leavell e Clark (1976). A doença seria resultante de um desequilíbrio ou falha dos diferentes fatores relacionados ao surgimento da obesidade, além disso, pode-se intervir em diferentes fases propondo barreiras de sua evolução.

Embora a obesidade seja vista como resultado de múltiplas causas, o seu tratamento tem como foco central a redução de peso. Esta relação com a redução de peso direciona o olhar no indivíduo, que, por não controlar este equilíbrio entre ingesta calórica e gasto energético, é culpabilizado pela falha no seu cuidado. É importante questionar esta culpabilização, pois ela reforça estigmas, sofrimentos e impede uma discussão mais ampla sobre este indivíduo em seu contexto social e cultural.

2.3 Uma breve contextualização socio-histórica da obesidade

A obesidade é um fenômeno complexo que influencia nos aspectos mais próximos do indivíduo e no contexto biológico. Conseqüentemente, o sujeito, além de enfrentar o excesso de gordura e doenças relacionadas a obesidade, está exposto aos regimes que atribuem valores a atributos físicos, aspectos subjetivos, percebidos e interpretados pelo sistema social e pela cultura em que vive.

A ideia sobre a obesidade e sua relação com saúde e beleza é relativamente recente, datada entre os séculos XVIII e XIX. O termo “*obésité*” surge em 1699 e depois em 1743, refere-se ao aumento de volume do corpo. Nos séculos XVI e XVII, a gordura, tanto corporal quanto na alimentação, era percebida como saudável e sinal de *status* social (SANTOLIN e RIGO, 2015).

Segundo Haslam (2007), a obesidade, entendida como algo que comprometesse a saúde ou ligada a questões médicas, levou um certo tempo para ser aceita, pois somente pessoas ricas que tinham o privilégio do acesso a comida e se tornar obesos.

Meurer e Gesser (2008) discutem sobre obras de artes inspiradas por corpos obesos, o que era sinônimo de riqueza, saúde e fertilidade, demonstrando que nem todos os momentos a obesidade era vista como algo reprovável, mas um conceito de símbolos e valores construídos ao longo de anos de história.

Entrelaçada com o desenvolvimento da biomedicina e surgimento da anatomia patológica, em 1765, foi analisada como uma doença e a sua relação com gordura corporal considerada fator de interesse de estudos (HASLAM, 2007).

Haslam (2007) ao analisar a história da obesidade traz que Cheyne, médico, filósofo e matemático, viveu no período de 1671–1743, apresentou a obesidade como doença e não mais como preservação da saúde, ele identificou que a obesidade não era um distúrbio isolado e que outras condições ocorriam mais comumente em pacientes obesos, como problemas ligados a circulação, pele e depressivos.

Observamos as distintas formas que a pessoa gorda foi tratada ao longo da história. A gordura foi desejada, como sinal de beleza e status, foi relacionada como causas de doenças e atualmente é, no modelo biomédico, uma doença.

Analisando os discursos presentes na mídia sobre obesidade, Oliveira *et al.*, (2012), revelam que independente de sua formação, as pessoas podem emitir um parecer sobre obesidade. O combate à obesidade é embasado através do uso de números e estatísticas para justificar seus resultados, independente se eles digam alguma coisa.

Em trabalho de análise histórica referente à construção dos conceitos de obesidade, Santolin e Rigo (2015) observaram que muitos pesquisadores, sob o olhar da biomedicina, têm dificuldade de aceitar e discutir os conceitos de obesidade como algo construído ao longo da história e que, muito mais que uma alteração orgânica é fruto também de valores éticos e morais. Este conceito surge muito antes de possuímos as formas de medição atual, como o IMC.

Muito mais que uma condição orgânica, a obesidade é uma construção social, no entanto, recentemente, no século XIX, movimentos justificados pela biomedicina e busca de um “corpo saudável” aumentaram a busca constante de um corpo magro e uma rejeição de corpos fora dos padrões instituídos e idealizados no contexto sociocultural (MEURER e GESSER, 2008).

Esta rejeição aos corpos fora dos padrões é comparada às estratégias de demonização utilizadas no período medieval, onde os obesos são considerados os “novos hereges” e são incentivados a deixar este modo de vida, buscando a melhoria da saúde através da redução da gordura corporal (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Oliveira *et al.* (2012), criticam a culpabilização do indivíduo sobre sua condição de obeso, incentivando formas de “punição” para pessoas que não se “cuidam”, pois, elas aumentam os gastos com saúde e “incentivo” à indivíduos que se “cuidam” e que, por exemplo, praticam esporte ou consultam nutricionistas. Ressaltam o pensamento mantido no individual que se opõem as normativas e sua indolência deve pesar no bolso.

Esta ideia de individualização, enfatiza o estigma, a culpa e exclusão dos obesos (OLIVEIRA *et al.*, 2012). De forma semelhante, ao analisar a construção histórica da ideia de obesidade como doença, Seixas e Birman (2012) propõem uma discussão sobre tratamentos, aspectos subjetivos relacionados à obesidade, para além da culpabilização dos obesos por sua falta de disciplina e força de vontade.

Haslam (2007) recomenda que não percamos mais tempo na busca de novas formas de estudar ou tratar a obesidade. Que usemos as obras de nossos antepassados, mas que acima de tudo, mudemos nossa forma de ver a obesidade. Que a preservação da saúde seja a prioridade. Estas afirmações trazem implicações, principalmente de como somos expostos a situações que prejudicam a nossa saúde, a responsabilidade do Estado, talvez uma iniciativa de pensar a saúde não como um fator individual.

O discurso sobre o conceito e patologização da obesidade vem carregado de uma construção histórica e social influenciada por valores estéticos, éticos-morais e religiosos, idealizados no contexto sociocultural.

2.4 O corpo e a obesidade

Considerando assim a íntima relação entre a obesidade e o que ela representa no corpo, conhecer o corpo e os conceitos que o definem só podem ser discutidos se considerarmos ele como produto social e de uma cultura, que produz concepções de como identificamos, sentimos e idealizamos o corpo.

Os conceitos sobre o que é corpo, obesidade e saúde são tratados como algo natural e esta abordagem impede uma discussão mais ampla sobre a construção de símbolos de uma determinada sociedade e cultura (BRANDINI, 2009).

Marcel Mauss (2003) refere-se à forma como andamos, nadamos, sentamos... como técnicas do corpo, que são aprendidas, reproduzidas e adequadas de acordo com o local onde fomos socializados. De acordo com Lévi-Strauss (2003):

esses atos, antes classificados como “diversos” a partir deste trabalho são definidos como “técnicas do corpo” e estas técnicas “são efetuadas numa série de atos montados, e remontados no indivíduo não simplesmente por ele próprio, mas por toda sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa”.

As variações destas técnicas dão-se entre os sexos, de acordo com a idade, em relação aos rendimentos e a forma de transmissão das técnicas, nesta última, traz o fato do maior número de destros e a relação entre o direito e esquerdo, o bom e o mau (LÉVI-STRAUSS, 2003).

Mauss afirma que “tudo em nós é imposto” somos a construção de símbolos do que nos é ou não permitido (LÉVI-STRAUSS, 2003).

Não com o intuito de contrapor, mas complementar o papel social e cultural sobre o corpo, Maluf (2003), traz uma discussão contemporânea sobre a abordagem do corpo, que ele não é passivo, somente receptor de uma cultura, mas parte constituinte e que participa da construção e transformação constante da cultura em que está inserido.

Rodrigues (2005) analisa conceitos sobre os corpos na antropologia e relata a construção do saber referente ao nosso corpo. O autor nos apresenta um corpo que é muito menos biológico do que se pensava, menos individual, o corpo é construído socialmente e apresenta características dos fenômenos culturais. Nossa forma de agir, pensar e viver é reflexo destes aspectos e influenciados pela época histórica em que estamos vivendo. Estes aspectos também influenciam o que definimos como qualidade de vida, saúde, doença e o que precisa ser medicado ou não.

É preciso um esforço profissional de conectar cultura, saúde, doenças e tratamentos. Rodrigues (2005), nos instiga a refletir “que a antropologia do corpo nos ensina que não há saúde em si” e que não basta estudar apenas os aspectos dominados pela biomedicina, ela não consegue responder a todos os aspectos da saúde do indivíduo.

Para compreendermos como são constituídos os indivíduos precisamos investigar os valores, costumes e crenças que permeiam estes conceitos. Estes são partes de uma cultura e um contexto mais amplo de saúde e não podem ser estudados isoladamente.

Para Santolin e Rigo (2015), o corpo, enquanto definição de condição social e construção cultural, sofre as influências de sua época histórica. O corpo “ao ponto”, descrito no início do séc. XIX, era tido como corpo ideal para as mulheres, ele era rechonchudo e representava qualidades como força e beleza, além de status social, visto que nem todas as classes sociais podiam manter este corpo.

Embora o corpo tenha sido cultuado, desenhado, esculpido ao longo da história, é sobre as mulheres que recaem as principais demandas, estigmas e desejos em busca do corpo idealizado no momento histórico (BRANDINI, 2009).

Esta normativa também recai sobre o homem, que deve ser branco, heterossexual, cristão, classe média ou alta, ocidental. Estes que se enquadram nestes

padrões são considerados "mais homens" ou homens verdadeiros. Porém, apesar de imposta esta normativa, ao masculino ainda é atribuído o domínio e ao feminino a submissão (MISKOLCI, 2006).

O corpo repassa informações através de códigos para comunicar a posição social, idade, gênero. As roupas, adornos, postura fazem parte destes códigos e representam o papel social e cultural (HELMAN, 2009).

Andrade e Bosi (2003) expõem a ascensão de medidas para a obtenção de um corpo aceito socialmente, prevalecendo assim, a importância não do fato de quem somos e sim de como somos enxergados. Estas atitudes levam ao individualismo, no entanto, com a perda de sua identidade diante da grande cultura de sensações levando a instalação de comportamentos patológicos.

De tal forma, alguns autores nos levam a refletir sobre esta construção da obesidade e a busca de um corpo perfeito para ser aceito socialmente.

Fernandes e Barbosa (2016) fazem uma analogia do corpo entre periferia e centralidade. O corpo ideal seria o centralizado, que atende aos padrões construídos socialmente, com baixos índices gordura, modelados e bem vestidos. Já os corpos periféricos são habitados pelos deficientes físicos e os obesos, que por não atingir este limiar de normalidade lhes convém coercivamente se manter na periferia, longes dos olhos dos corpos ditos centrais.

Desta mesma maneira, Sautchuk (2007) critica o uso do IMC e fórmulas de verificar a gordura corporal e como estes dados são usados para classificar a todos da mesma forma. Expõe a articulação entre a gordura e as concepções a respeito da beleza e da saúde, atribuindo valores e identificando o conteúdo "interior" do indivíduo. Este "interior" declara guerra à gordura corporal e trava uma busca incessante do corpo ideal, este corpo que trocou a gordura por massa magra é visto como um corpo com beleza interior. Mais uma vez o obeso se depara com a mensuração de seu corpo. O comer, embora um ato vital, torna-se uma ação individual passível de mudança de comportamento, repleto de incertezas e ansiedade. O papel social e coletivo, apresenta-se distorcido e pouco eficaz no apoio ao gordo.

Muito além dos discursos de que a obesidade deve ser tratada por ser nociva à saúde, Zanette, Lourenço e Britto, (2013) em pesquisa realizada com mulheres

residentes em diferentes cidades do estado de São Paulo, através de entrevistas em profundidade, identificaram que estes enfrentamentos se dão com finalidade de atingir a imagem de corpo ideal, saudável e socialmente valorizada. As estratégias citadas pelas participantes para emagrecer são inúmeras, como incontáveis dietas, exercício físico, até situações mais extremas como uso de anfetaminas e planos de implantar balão gástrico. Tentativas estas por não aceitar a condição de seu corpo e também motivadas pela possibilidade de escolher as roupas desejadas.

Assim também, Felipe (2003) apresenta o que chama de peso social da obesidade, onde analisa o valor social do comer para pacientes obesos e a representação de manter um corpo saudável. Encontra nos relatos dos pacientes, redução não somente da qualidade de vida, mas também o enfraquecimento de sua determinação, segurança, autoestima, gerando efetivamente discriminação e exclusão para os sujeitos em suas relações sociais, familiares e profissionais. O autor expõe o preconceito, a discriminação, a redução na produção e capacidade de envolvimento social destes sujeitos, acarretando também uma questão política e econômica. Em contrapartida, pacientes que conseguiram manter a redução do peso relatam mudanças na forma como enfrentam as situações da vida, aumento da autoestima e demonstrando conhecimento e controle sobre sua saúde e cuidado.

Em estudo na Coréia, onde foram abordadas questões sobre comportamento de pessoas gordas referentes a roupas, os autores identificaram que o desconforto foi o principal fenômeno que envolveu a experiência destas mulheres relacionadas ao gerenciamento de aparência. Desconforto psicológico, bem como fisiológico / físico, necessidades não satisfeitas (em relação ao vestuário) e inconvenientes experiências de compras foram frequentemente mencionados. As condições causadoras de desconforto foram a obesidade, o estigma social e um mercado de roupas subdesenvolvido para estas consumidoras (YU, KO e KIM, 2013).

Ulian *et al* (2016) ao analisar qualitativamente a percepção de mulheres obesas sobre ter um corpo gordo e como elas vivenciaram e foram impactadas por essa condição corporal encontraram em seu estudo mulheres que relataram ter sofrido assédio moral e discriminação por causa de seus corpos. Estas mulheres mencionam que o corpo obeso

repercute na construção da sua personalidade, na autoestima e influencia inclusive nas suas interações sociais.

Com os depoimentos descritos por Pinto e Bosi (2010), que analisaram as percepções e experiências acerca da obesidade vividas por mulheres de um Centro de Saúde da Família do Nordeste fica evidente como a obesidade afeta de maneira negativa, privando de relações sociais, convivência com a família, seu trabalho e o seu dia a dia.

Em trabalho realizado com o intuito de estabelecer o conceito de identidade sob a ótica do consumo feminino de moda *plus size*³ demonstra como mulheres obesas são expostas e estigmatizadas pela disponibilidade de roupas encontradas no varejo, traz a variedade de sofrimentos que são sentidos pelas mulheres obesas. Estes perpassam questões relacionadas a comprar roupa, relatam uma questão de culpa moral por não ter um corpo considerado normal. Encontraram também em seu estudo relatos que se referiam como “espíritos gordos”, que ligam o cuidado ao corpo como pureza de espírito (ZANETTE, LOURENÇO e BRITTO, 2013).

Em contrapartida, uma forma de enfrentamento e melhora da autoestima é a aceitação da imagem do próprio corpo, não deixando se influenciar pelas pressões sociais. Estas afirmações são potencializadas pelo feedback positivo de pessoas do seu contexto social (MACEDO, 2015).

Os estudos deixam evidente que ocorre uma rejeição permanente de corpos que não se apresentam nos padrões ditados pela sociedade. As pessoas que não se adequam aos padrões de beleza estabelecidos encontram estigmas em todas as esferas que passam, desde profissionais da saúde, empregadores, colegas, inclusive no convívio familiar.

2.5 O movimento *plus size*

As questões sobre o corpo/roupa estão fortemente ligadas quando discutimos sobre como as pessoas se reconhecem e se constituem em relação à saúde, bem-estar e autoestima. Estudo realizado nos Estados Unidos, buscou identificar os gatilhos que proporcionam bem-estar, orgulho e atitudes que auxiliam na promoção de saúde mental

³ Refere-se ao segmento da moda que descreve tamanho de roupa com numeração maior que 44.

e física. Nas mulheres este processo é favorecido quando se encontram em um peso que considerem ideal e pela possibilidade de comprar roupas (CASTONGAY, 2013).

Em 1920, a norte-americana Lane Bryant, percebendo o déficit de roupas para mulheres fora dos “padrões de beleza”, começa a confeccionar roupas para este ramo da moda, surge o termo *plus size* (tamanho maior que 44). A atitude de fazer roupas para um segmento até então negligenciado, influencia outras marcas da época (BELLAFANTE, 2010).

Plus size descrevia roupas e não pessoas. Somente anos depois o termo referiu-se às pessoas. Em 1953, a Korell, uma empresa que vendia roupas para mulheres, se referiu a "um vestido maravilhoso para a mulher *plus size*". O conceito foi consolidado pela agência de modelos "*Plus Models Management Ltd*", fundada em 1978 em Nova York (BRITTO, 2017).

Nos Estados Unidos, o movimento *fat pride* surgiu em 1969 através da *National Association for Advance of Fat Acceptance (NAAFA)*⁴. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos, que discute sobre direitos dos gordos e que as pessoas sejam aceitas independente de seu peso. Ela utiliza como recursos para alcançar seus objetivos educação pública, o direito e a educação. A NAAFA apoia os princípios de saúde para todos os tamanhos (*Health At Every Size*®). Em vez de se concentrar no peso como uma medida de saúde, a abordagem *Health At Every Size*® remove o peso da equação e o substitui com um foco no bem-estar geral, que inclui toda a gama de formas e tamanhos do corpo. Oferecem também um currículo para estudantes de faculdades e profissionais de saúde para que esta deficiência na formação acadêmica seja suprida, diminuindo os estigmas e preconceitos pelos profissionais.

Neves e Mendonça (2014), trazem as diferenças nas estruturas do movimento *plus size*, nos Estados Unidos, apresentam uma estrutura de discussão e busca de direitos das pessoas gordas. No Brasil, surge no final da década de 90, e apresenta um caráter voltado para o desejo de consumo, como algo midiático.

Ao analisarem a legislação brasileira, Rigo e Santolin (2012), encontraram 46 leis referentes a sujeitos obesos. Demonstram que as leis não garantem os direitos sociais

⁴ Informação obtida no site <https://www.naafaonline.com/dev2/about/index.html> em 20 de julho de 2018.

dos obesos, mas tendem à culpabilização do sujeito, principalmente o incentivo ao tratamento e combate à obesidade.

Marcelja (2015), apresenta a importância da internet, como aliada na divulgação e conquista de espaços pelo movimento *plus size*. Idealizado pelos próprios gordos, surge como uma proposta de enfrentamento e busca de direitos, tratam-se de atitudes que perpassam a linha de estar fora do peso, configuram iniciativas de aceitação, discussão e luta em busca de direitos, cidadania, vaidade, alegria e orgulho de suas próprias formas.

As dificuldades que as mulheres fora dos “padrões de beleza” se deparam em encontrar roupas em lojas físicas as impulsionou a procurarem no mercado *online* um espaço para suprir esta necessidade. Os blogs especializados em moda *plus size* surgem para difundir possibilidade de compras de roupas para este segmento, compartilham experiências de vida, discutem sobre marcas, lojas e influenciam a moda.

Santos e Sanchotene (2017), ao analisarem vídeos no *YouTube* produzidos por mulheres gordas, observaram que estas mulheres relatam suas narrativas sobre gordofobia, suas experiências e que abordam os temas de preconceito, amor próprio, aceitação de si e empoderamento. Percebendo o aumento de uma consciência sobre si mesma e sobre a sociedade, o que proporciona uma identidade de autoestima e auto aceitação.

Ao analisar o fator peso como formador de identidade, *blogs* especializados em moda estão sendo importantes para elevar a autoestima e ensinar a se aceitar. Estes sofrimentos parecem diminuir com a idade, parece haver uma situação de aceitação e legitimação para sua própria imagem (ZANETTE, LOURENÇO e BRITTO, 2013).

As imagens expostas na internet influenciam no cotidiano das pessoas, no entanto, essa influência nem sempre repercute de forma positiva. Para identificar os efeitos da mídia na vida das pessoas, Groesz, Levine e Murnen (2002), em uma metanálise com 25 estudos, examinaram o efeito principal das imagens de mídia referentes a corpos magros. Observaram que a imagem corporal foi significativamente mais negativa depois de visualizar imagens de corpos magros do que depois de visualizar imagens de modelos de tamanho médio ou objetos inanimados. Este efeito foi mais forte entre participantes com menos de 19 anos e para participantes vulneráveis à ativação de

um esquema de magreza. Os resultados apoiam a perspectiva sociocultural de que a mídia de massa promulga um ideal esbelto que provoca insatisfação corporal.

Trabalho semelhante foi realizado na França onde foram identificados os efeitos desta exposição a corpos magros sobre meninas francesas e italianas. Este estudo destacou os efeitos negativos dos ideais culturais de magreza veiculados pela mídia sobre a insatisfação corporal entre estudantes do sexo feminino com alta insatisfação corporal inicial. Sugerem que o uso de manequins de tamanho médio poderia ajudar a limitar essas consequências (RODGERS e CHABROL, 2009).

Quando falamos de *plus size* relacionamos ao movimento de aceitação ou quebra de conceitos em relação ao peso corporal. No entanto, o *plus size* nem sempre representa discussões sobre aceitação e construção social. Em um estudo etnográfico sobre as modelos *plus size* de Nova York, Czerniawski (2012), demonstra que estas modelos eram submetidas a um trabalho estético intensivo, para corresponder as expectativas de seus empregadores. Conseqüentemente, seus corpos tornaram-se sujeitos e objetos, que reforçam a desincorporação dos corpos femininos, produzindo uma nova “estética gorda”, ao invés de desafiar as construções discursivas sobre a gordura.

Diante das dificuldades que as pessoas gordas encontram diariamente, seja de cunho físico, social ou emocional, é com o advento da internet (redes sociais, *blogs*, *Instagrams*, *Facebooks*) que eles encontram apoio para suas demandas e divulgação de suas ideias.

O crescente aumento dos discursos nas redes sociais sobre empoderamento, aceitação e autoestima das pessoas gordas evidencia a necessidade de discussão sobre o tema, principalmente na área da saúde e suas repercussões. Muitos profissionais da área da saúde reforçam os estigmas e preconceitos embasados nos dados epidemiológicos referentes à obesidade (FRANCISCO e DIEZ-GARCIA, 2015). Encontramos alguns trabalhos sobre o movimento *plus size* na área de comunicação, marketing e ciências sociais (MARCELJA, 2015; SANTOS e SANCHOTENE, 2017; ZANETTE, LOURENÇO e BRITTO, 2013; FERNÁNDEZ-RAMÍRES, 2012). Entretanto não há um número significativo de trabalhos nas ferramentas de buscas de artigos

científicos referentes ao uso de internet e aceitação do corpo gordo, dada a importância e relevância deste tema.

Trabalhos na área da saúde que abordem obesidade e processo de aceitação são escassos, ao realizar busca sobre o tema encontramos trabalhos com o descritor “fat pride” ou “body pride” na Bireme encontramos 10 artigos, destes, apresentavam relação com o tema (CASTONGUAY, 2013) e (WEBB, 2017).

Este trabalho, apoiado nas ciências sociais e humanas, pretende contribuir com a ampliação do debate sobre os conceitos relacionados às pessoas gordas, à obesidade e padrões de beleza. Justifica-se pela necessidade de compreender as repercussões dos conceitos naturalizados na construção do indivíduo, ultrapassando a perspectiva biomédica.

2 OBJETIVO



Analisar o movimento *plus size* a partir de relatos disponíveis nas redes sociais em uma perspectiva antropológica.

Identificar os comportamentos ligados aos processos de saúde e doença que integram o movimento *plus size*.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

“Tenhamos pra nós mesmos a verdade
De aceitar a ilusão como real
Sem dar crédito à sua realidade.
E, eternos viajantes, sem ideal
Salvo nunca parar, dentro de nós,
Consigamos a viagem sempre nada
Outros eternamente, e sempre sós;
Nossa própria viagem é viajante e estrada.”
(Pessoa, 1990)

Independente da forma como se estrutura o movimento *plus size*, atualmente, é na internet que ele transcorre. Assim, é neste campo que foi desenvolvida esta pesquisa.

Os caminhos que se relacionam à escolha do método para responder aos objetivos do estudo percorrem uma linha de construção de pensamento que inicia na pesquisa qualitativa, nos encaminha para a etnografia e esta nos apresenta a netnografia ou prática online de etnografia.

A pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação. Ela apresenta diferentes significados dentro de um complexo histórico. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas do campo, entrevistas, conversas, gravações, estes instrumentos descrevem momentos e significações rotineiras dos indivíduos (DENZIN e LINCOLN, 2006).

A pesquisa qualitativa leva à exploração de diferentes aspectos da realidade. Por permitir compreender os significados dos fenômenos sociais e as práticas dos cuidados, apresenta uma valorização crescente no contexto acadêmico (BOSI, 2012).

Com a abordagem qualitativa podemos compreender onde mulheres com corpos fora dos “padrões de beleza” encontram formas de apoio, troca de experiências, aceitação e valorização da autoestima.

Na sequência, nos encaminhamos para a etnografia, pois ela permite acompanhar o interlocutor em suas diversas dimensões e contextos socioculturais.

Trata-se de uma difícil tarefa a realização de uma etnografia. Geertz (1989) a define como uma descrição densa, repleta de conceitos complexos, sobrepostos e entrelaçados, onde o pesquisador deve primeiro apreender e só depois apresentar.

A etnografia permite, através da pesquisa em campo, uma reflexão teórica da realidade vivida pelos homens em outras sociedades, grupos sociais ou culturas. Com

origem na antropologia, busca compreender os aspectos sociais. Desta forma, entende-se que o pesquisador se encontra frente a frente com os fenômenos, observando ou através de participação ativa (NAKAMURA, 2011). Os dados encontrados são sistematizados, analisados e escritos como forma de um produto final (CARDOSO, 1996).

A etnografia é caracterizada por um procedimento metodológico laborioso, longo e lento que objetiva obtenção de informações e interpretações dos contextos da vida social da forma como se apresentam para seus atores. Não é somente um método de pesquisa, mas um processo conduzido com uma sensibilidade reflexiva, tomando em conta a própria experiência de campo junto às pessoas (GEERTZ, 1989).

O saber olhar, ouvir e escrever propostos por Cardoso (1996) são características básicas do pesquisador. No entanto, estas devem ser treinadas para compreender o novo, despendo-se de seu etnocentrismo, estar atento aos acontecimentos que permeiam o ato de pesquisar.

A etnografia oferece a oportunidade de observar o que representa a experiência social de ser estigmatizado e a compreensão do fenômeno obesidade para além de seus determinantes biológicos, percebendo-o em sua complexidade. Incorporando a compreensão e a experiência das mulheres que convivem com o fenômeno, apresentando assim expectativa de quem vivencia o processo.

No entanto, se os dados que queríamos pesquisar estavam na internet, é através de uma descendência da etnografia que se apresenta a prática *online* de etnografia. Esta surge para compreender os desafios e as mudanças culturais nas formas de comunicação e interação social.

Para atender esta necessidade de compreender os métodos de pesquisa precisaram se adaptar a esta nova maneira de interação, desta forma, Kozinets (2002) considera netnografia uma adaptação da etnografia a estudos de comunidades *online*, sendo netnografia considerada sinônimo de “etnografia na internet”, ou ainda, mais atualmente, como a “prática *online* da etnografia” (KOZINETS, 2006).

Kozinets (1997) inicialmente não considerava a netnografia como um método, mas uma descrição por escrito de uma cultura *online*, instruída pelos métodos da antropologia.

Segundo Kozinets (2006) o método está apresentando um crescimento constante

devido a complexidade das experiências da sociedade digital. Este método é frequentemente utilizado por pesquisadores das áreas da comunicação, do marketing, da antropologia e da sociologia.

Para Hine (2000), uma das autoras com produção mais extensa sobre etnografia *online*, esta forma de etnografia não é virtual apenas no ser desencarnada, mas não muito adequada e não necessariamente verdadeira, mas sinceramente parcial.

Kozinets (2014) contrapõem que nenhuma forma de etnografia é realmente verdadeira, perfeita e purista metodologicamente. Defende os diferentes tipos de etnografia, mas ressalta a importância da seriedade e dedicação na compreensão dos diferentes fenômenos sociais e construção dos significados de um determinado grupo.

O processo de estudo de etnografia *online* acontece observando algumas etapas como planejamento do estudo onde define as questões da pesquisa, websites sociais ou tópicos a investigar. O pesquisador precisa selecionar, identificar e ingressar na comunidade – *entrée*. No momento seguinte, o pesquisador realizará a observação, envolvimento e coleta dos dados, respeitando os princípios éticos. Análise dos dados e interpretação dos resultados e por fim, a redação e apresentação dos dados da pesquisa. Estas etapas são estratégias de orientação, mas em nenhum momento se estabelecem como regras rígidas e inflexíveis (KOZINETS, 2014).

Outro ponto importante da pesquisa é identificar a postura do pesquisador, embora existam diferentes pontos de vista, duas possibilidades são apresentadas: uma observação participante mais “silenciosa” ou *lurker* (*lurking* - ficar na espreita), sem interferência ou interação com o ambiente investigado, e outra mais “ativa” (ou *insider*), na qual há uma proximidade e participação significativa (HINE, 2000; BRAGA, 2007).

A área da saúde está iniciando a exploração da netnografia como método de produção de conhecimento. Nos trabalhos encontrados sobre o assunto o termo netnografia ainda não é amplamente utilizado, sendo etnografia na internet, prática online de etnografia ou etnografia *online* os termos mais encontrados.

Miskolci (2013) realizou um trabalho etnográfico, seus dados foram coletados *online* e complementados com contato pessoal, no entanto não o denominou como netnografia ou prática *online* de etnografia. Em seu trabalho sobre como os homens articulam plataformas de busca de parceiros com o objetivo de criar relações em segredo,

nos apresenta que o comportamento *online* não é o mesmo que o *offline*, apesar de considerar que o fato dos pesquisados não saberem que são objeto de análise, o que tornaria os dados mais espontâneos deparou-se com inúmeros fatos de mentira ou ficção apresentado pelos homens. No entanto, afirma a importância de investigar estas formas de comportamento *online*.

Pelerano e Gimenes-Minasse (2016) realizaram um estudo que denominaram etnografia virtual, ou netnografia, que apresentam como objetivo analisar a dieta paleolítica. Esta dieta tem como objetivo resgatar os hábitos alimentares de nossos ancestrais, com uma ingestão maior de gorduras, proteína animal e evitar grãos e alimentos processados. Os dados foram coletados a partir de relatos de seus praticantes disponíveis nas redes sociais. Encontrou dados que mostram que, nesses espaços, os indivíduos interagem expondo suas dúvidas e pontos de vista, muitas vezes sem o constrangimento das relações face a face, e conseguem conexão com pessoas de diferentes lugares e repertórios, mas unidas por interesses em comum.

Facioli e Miskolci (2015) realizaram uma pesquisa etnográfica por meio de mídias sociais e também em ambientes *offline* para analisar a ressignificação da experiência de subalternidade tal qual experienciada por mulheres das classes populares que se relacionam em rede por meio das mídias digitais. Observaram que a internet desempenha um local de reconhecimento entre pares, local de apoio e sociabilidade ampliada, modificada e intensificada.

Barros, Serpa Junior (2014), realizaram uma netnografia com ouvintes de vozes para explorar como essas pessoas criam estratégias para compartilhar sua vivência em um coletivo. Evidenciaram que a netnografia se demonstrou um método propício para explorar a troca de experiências entre os ouvintes de vozes através da análise do ambiente virtual.

Sobre o uso e a repercussão da internet na construção do “ser”, Beleli e Miskolci (2015) trazem que “cada vez mais ‘somos no mundo’ por meio das redes sociais *online*, mas somos ‘em processo’, em uma constante transformação pelos fluxos nos quais nos inserimos e dos quais somos também resultado”.

A fusão de métodos propõe estratégias para compreender essas novas realidades. Onde antes o etnógrafo ia a campo, hoje ele pode ir à página daquele grupo

na internet, ver as atividades do grupo, analisar as discussões *online*, e se ambientar ou ter a experiência virtual. O pesquisador pode beneficiar-se do uso da tecnologia para promover maior qualidade e quantidade de dados e compreender melhor as dimensões da realidade estudada.

A prática *online* de etnografia permitiu essa aproximação de uma cultura que se estabelece no *online*, mas que possui repercussões no *offline*. Estas formas de abordagem permitem compreender a velocidade de discussões e mudanças culturais que se estabelecem pela internet.

Para natureza metodológica foram seguidos o corpo de procedimentos organizado por Kozinets (2002) e replicado por outros autores (LANGER e BECKMAN, 2005; PELERANO e GIMENES-MINASSE, 2016).

O procedimento de *entr e* constituiu o inicio da pesquisa, nesta fase foi realizada a explora o do campo online e a identifica o da rede social de interesse para o estudo (KOZINETS, 2002).

Dentre os dez blogs relacionados ao movimento *plus size* encontrados, seis eram nacionais e quatro internacionais. Neste momento a primeira sele o: será uma referência nacional. O Brasil, com sua cultura de valoriza o e exposi o do corpo,   um dos países que mais medicaliza a beleza.   o terceiro país do mundo em número de cirurgias plásticas, atrás apenas dos EUA e do México; foram 400.000 interven es em 2003, sendo metade delas puramente est ticas e, dentre essas, 40% de lipoaspira o, 30% de mamas e 20% na face (POLI NETO e CAPONI, 2007).

Como afirmado anteriormente, embora o corpo tenha sido cultuado, desenhado, esculpido ao longo da história,   sobre as mulheres que recaem as principais demandas, estigmas e desejos em busca do corpo idealizado no momento histórico (BRANDINI, 2009). Assim, a segunda sele o, trabalhar amos com mulheres.

Foram considerados os seis blogs nacionais, onde visitei, li os posts, as mensagens, estava ganhando "corpo".... Dentre eles, encontro o Blog Mulherão "Manual de sobrevivência para mulheres acima do peso" (<https://blogmulherao.com.br>). Era isso que precisava: um manual. Desta forma ele serviu de eixo norteador para constru o do projeto.

Em seguida, o desafio foi definir a rede social, tantas redes, cheias de entranhas,

redes sociais, que envolvem, que possuem suas “verdades” e livre expressão.

As redes sociais, presentes na vida de grande parte das pessoas ao redor do mundo, são importante ferramenta para comunicação, informação, relacionamentos e atividades de trabalho. Segundo o IBGE (2016) 69,3% das casas brasileiras possuíam acesso à internet. O número de mulheres (65,5%) que acessam é maior que dos homens (63,3%). Estima-se que 58% da população brasileira é usuária das redes sociais. O Brasil foi um dos países com maior aumento no número de usuários nas redes, com mais de 19 milhões de novos usuários. As principais redes sociais utilizadas no Brasil são *Facebook*[®], *Instagram*[®], *Blogs*[®] e *WhatsApp*[®].

Blogs[®] são páginas da internet onde regularmente são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens, músicas ou vídeos, tanto podendo ser dedicados a um assunto específico como ser de âmbito bastante geral. Blog é uma palavra que resulta da simplificação do termo *weblog*. Numa tradução livre podemos definir blog como um "diário *online*".

Facebook[®] é a rede social mais utilizada no Brasil e na maioria dos países atingindo mais de 1,5 bilhão de usuários ativos. Os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos. A visualização de dados detalhados dos membros é restrita para membros de uma mesma rede ou amigos confirmados.

Instagram[®] é uma rede social *online* de compartilhamento principalmente de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais. Possui mais de 400.000.000 usuários pelo mundo. No Brasil é bastante popular, com mais usuários que a média global. Esta média vem crescendo a cada ano e em 2016 entre os usuários de internet e redes sociais esse número era de 75%, mais do que os 42% da média global do mesmo ano.

O *WhatsApp*[®] é a rede social de mensagens instantâneas mais popular entre os brasileiros.

A terceira seleção deu-se diante das características das redes sociais, optou-se por usar a ferramenta *Instagram*[®], por ter como característica principal o uso de imagens, fotos, favorecendo a exposição.

Os dados coletados foram referentes aos meses de dezembro/2017, janeiro e fevereiro de 2018. Este período foi escolhido por representar momentos importantes na cultura do Brasil, como o calor do verão, a valorização das férias no litoral, o uso de biquíni, festas de fim de ano, e o esperado carnaval, momentos que encontramos maior exposição do corpo, inclusive na mídia.

No *Instagram*[®], utilizei como conhecimento prévio alguns perfis como Blog Mulherão (<https://www.instagram.com/blogmulherao/>), Renata Poskus (<https://www.instagram.com/renataposkus/>), e estes me levaram a outros com a mesma proposta relacionada Ju Romano (https://www.instagram.com/ju_romano/), Moda Plus Size Brasil (<https://www.instagram.com/modaplussizebrasil/>), Mayara Russi (<https://www.instagram.com/mayararussi/>). Foram acompanhados outros perfis, como Mariana Xavier (<https://www.instagram.com/marianaxavieroficial/>), Alexandra Gurgel “Alexandrismos” (<https://www.instagram.com/alexandrismos/>), Plus Model Brasil (<https://www.instagram.com/plusmodelbrasil/>), Luizajunquerida (<https://www.instagram.com/luizajunquerida/>), maiarmedeiros_ (https://www.instagram.com/mairedeiros_/). Após acompanhar por dois meses os perfis, irei considerar para análise três perfis com maior capacidade de responder o objetivo.

Acompanhei os perfis relacionados acima, foram utilizados como critérios para eleger o perfil pesquisável a relevância e o número de postagens sobre o movimento *plus size* (233 postagens no período), o número de seguidores que acompanham e interagem e os dados mais detalhados e descritivamente ricos.

Considere relevante pesquisar em três perfis de influenciadoras digitais, que apesar de suas semelhanças, possuem diferenças. As semelhanças referem-se a discussões sobre estar fora dos padrões estabelecidos, moda e principalmente aceitação do corpo. As diferenças remetem mais sobre a característica da responsável pelo perfil. A artista famosa (Mariana Xavier), a ativista (Alexandra Gurgel) e a linha mais voltada para moda (Blog Mulherão). Acreditamos que nesse contexto exploratório, essa variação de perfis traga representações complementares sobre os objetos da pesquisa.

Mariana Xavier, em 28 de fevereiro de 2018, possuía 895mil seguidores, 2.922 publicações, se define como atriz, apresentadora, youtuber e:

“gente como você! A vida tem possibilidades demais pra gente se deixar resumir por 2 ou 3 dígitos.”

Alexandra Gurgel, em 28 de fevereiro de 2018, responsável pelo perfil Alexandrismos, possui 119 mil seguidores, 374 publicações. Se define como youtuber & jornalista & liver & ativista, #bodypositive.

Blog Mulherão, em 28 de fevereiro de 2018, que tem como responsável pelo perfil Renata Poskus, possui 705 publicações e 50,6 mil seguidores. Define-se como o manual de sobrevivência para mulheres acima do peso.

Definidos a rede social e os perfis que seriam acompanhados, me apresentei via mensagem no *direct* às responsáveis pela *homepage*.

- Boa noite, meu nome é Nataniele e sou mestranda em Saúde Coletiva pela Unisantos. Estou realizando uma pesquisa para explorar a influência das redes sociais no empoderamento e autoestima das mulheres que estão fora dos padrões estabelecidos pela sociedade. Me comprometo a divulgar os resultados do trabalho caso seja de seu interesse. Estou à disposição para quaisquer esclarecimentos. Abraços.

A responsável pelo Blog Mulherão respondeu que “gostaria muito” de saber sobre os resultados. As demais até o momento não responderam.

Optei nesta pesquisa por uma observação não interativa, como “*lurkers*, ou seja, os dados (posts) foram lidos e acompanhados, não houve participação ativa nas conversas pois permitiu explorar as características dos perfis e como eles influenciam as pessoas em constituição enquanto social (HINE, 2000). Ao comentar uma publicação, poderia influenciar outras pessoas nas discussões sobre os conceitos, poderia induzir as reações que queria estudar e moldar um sistema de códigos propícios para fundamentar o meu objeto.

Reservei momentos diários para acompanhar os perfis. Assim, para coletar meus dados e acompanhar meu objeto de estudo, sento em meu sofá, seguro em minhas mãos o celular e acompanho diariamente o desenrolar da vida. Ainda gera um estranhamento de minha parte.

Acompanhei as redes que se interlaçavam com os perfis, como matérias em canais de comunicação (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726>), entrevistas

em programas de televisão (<https://globoplay.globo.com/v/5301955/>), canais no youtube (<https://www.youtube.com/channel/UCkx2r9J47dA-UNkf4E6SB8w>; <https://www.youtube.com/channel/UC2LQ5jMieMZjb5k5Gprp2JQ>; https://www.youtube.com/watch?v=oFeFf_inKaw) e permaneço acompanhando os perfis, no entanto, para fins acadêmicos os locais e prazos serão apresentados e seguidos conforme apresentados anteriormente.

Dos perfis selecionados, a imagem⁵ do post foi capturada da tela e colada no Word. Foi realizada cópia direta dos dados da *homepage*. Todos os comentários e mensagens foram mantidos na íntegra, com suas características originais exatamente como constam *online*, com alguns erros de grafia ou concordância. Foi realizada a observação das interações e dos sentidos da comunidade e dos seus membros. Foram identificados também dados como: Nome do perfil, a data de publicação e cópia, o número de curtidas, número de comentário e a minha observação como pesquisadora.

Peirano (2014) traz que a etnografia não é um método, tampouco os dados partem do empírico para o teórico, mas se entrelaçam a todo momento até antes de entrar em campo. Desta forma, os dados foram classificados em categorias, respeitando a conexão espiralada entre resultados e teoria. Busquei compreender os contextos apresentados, e analisar pelo referencial teórico da antropologia.

No decorrer da pesquisa as questões éticas foram observadas. Considerando a Resolução Nº 510, de 07 de Abril de 2016, que trata sobre normas aplicáveis a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais define que informações de domínio público não apresentam necessidade de serem registradas pelo sistema CEP/CONEP (BRASIL, 2016). Esta pesquisa foi cadastrada no Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas (IPECI) da Universidade Católica de Santos em novembro de 2017.

⁵ Falar de pessoas gordas tem uma relação direta com o corpo/imagem, sua exposição ou não e o que ela representa. Por esse motivo a imagem também foi analisada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste universo que se constitui através internet, precisei estabelecer um território, pois basta um clique para navegar entre os diversos modos de redes e mídias sociais. Desta maneira não conseguiria delimitar uma determinada população e aprofundar sobre seus códigos. Ao observarmos os três perfis, não temos a pretensão de compreendermos todo um sistema de códigos. Por apresentarem diferenças, descritas a seguir, pude observar como ocorrem a construção de relações, pensamento e significações, numa sociedade intensa⁶, que se estabelece na internet.

Os resultados serão apresentados em dois grandes eixos. O primeiro se refere as influenciadoras digitais responsáveis pelos perfis, e no segundo momento serão apresentados os resultados referentes as repercussões nas redes sociais entre as seguidoras.

Para sistematizar a análise, apresentarei as características dos três perfis. Analisei os elementos como postagens, fotos e a repercussão destas atividades como comentários e curtidas⁷. Desta análise surgiram três categorias:

1. Moda: apresentam dicas de como se vestir, onde encontrar roupas para pessoas gordas em lojas físicas e *on-line*. Eventos de moda *plus size*, oportunidades de workshop para modelos *plus size*.

2. Cotidiano: descrevem seu dia-dia, problemas cotidianos e como enfrentam tais eventos. O que comem, as atividades físicas e estéticas que realizam.

3. Comportamento: usei este termo para descrever *posts* voltados ao movimento *plus size*, como gordofobia, empoderamento, auto estima, amor próprio.

Após estas etapas de como os perfis se apresentam, procurei compreender como ocorrem as repercussões e interações com as seguidoras dos perfis. Ao considerar um ramo específico que é o *plus size* entendo que as seguidoras tenham uma auto percepção de estar fora dos padrões e se identifiquem com a proposta criando uma ligação entre elas e o perfil estudado. Desta observação temos as seguintes categorias:

I. Saúde *versus* doença;

⁶ Quero falar da intensidade das relações, da velocidade das informações, da variedade das conexões que podem ter uma visibilidade mundial como apresentado por Giddens (2005).

⁷ Podem sugerir um significado, por mais que possam parecer despreziosas.

- II. Doces e amargas relações;
- III. Tenho um espelho de corpo todo – influência na vida das seguidoras;
- IV. Suicídio;
- V. Corpo.

5.1 Identificando as falas

Para atender questões didáticas as identificações dos participantes foram realizadas desta forma:

Mariana Xavier do perfil “Marianaxavieroficial” será identificada como Mariana. Comentários pertencentes às suas seguidoras como (Seguidora Mariana).

Alexandra Gurgel do perfil “Alexandrismos” será identificada como Alexandra). Comentários pertencentes às suas seguidoras como (Seguidora Alexandra).

Renata Poskus do perfil “Blog Mulherão” será identificada como Renata. Comentários pertencentes às suas seguidoras como (Seguidora Renata).

Optou-se por esta forma de identificação, sem alterar os nomes das responsáveis pelos perfis, por serem considerados dados públicos, no entanto, para preservar a identidade e por respeito a sua exposição não identifiquei nominalmente as seguidoras.

5.2 Influenciadoras digitais

Blog Mulherão, “O manual de sobrevivência para mulheres acima do peso” criado por Renata Poskus. Jornalista, empresária, é diretora do Maria Abacaxita moda *fun size* fabrica e comercializa roupas para garotas “jovens, divertidas e irreverentes, que usem do manequim 44 ao 60”, idealizadora do *Fashion Wekeend Plus Size* em 2010, um dos maiores eventos de moda *plus size* e maior evento de moda *plus size* do Brasil, que reúne desfiles, salão de negócios e palestras. Recebe cerca de 2 mil pessoas, entre lojistas revendedores, imprensa e formadores de opinião. Acontece semestralmente, atualmente no Centro de Convenções Frei Caneca. Iniciou em 2009 o Blog Mulherão considerado o primeiro blog *plus size* do Brasil escrito em primeira pessoa, com dicas de moda, beleza,

sexo e comportamento.

No período de dezembro a fevereiro foram publicados 37 posts. Observamos publicações voltadas para moda, estava ocorrendo o Mulherão *Fashion Tour*, uma feira de moda *plus size*, o *Pop Plus Pool Party* “é um evento que reúne bazar *plus size* de moda praia + moda verão + moda carnaval + piscina (pra você dar um tchibum) e comidinha”, entre outros eventos voltados a moda *plus size*. Posts voltados para atividades cotidianas e referente a “comportamento”. Contudo, encontramos aqui, um fato que apesar de ser um perfil voltado prioritariamente para a moda, dentre os posts mais curtidos e comentados estão os que mostram seu corpo, seu poder e sua auto estima. A exemplo, o *post* de uma foto que está nua numa banheira, coberta por notas de dólares que teve 1.411 curtidas até 5 de março de 2018.

No perfil Alexandrismos, de Alexandra Gurgel se denomina como jornalista, *youtuber*, ativista do *bodypositive* e feminista. Afirma que “trago sua autoestima em 3 vídeos”. Foram publicados no período da pesquisa 71 *posts*, voltados para situações do cotidiano como mudança de casa, cuidados com o cabelo, tatuagens. Alexandra mostra que, apesar de sentir-se bem, no dia-dia enfrenta situações que podem comprometer sua autoestima. Como relata num *post* em que enfrenta sua insegurança frente as imposições do cotidiano por ser mulher ou por ser gorda.

Eu fiz essa foto hoje no Centro de São Paulo correndo atrás de uns troços aqui pra casa. Atrás do @caiorevela⁸ tinha uns 50 caras que trabalham em obra olhando, rindo e apontando pra mim enquanto eu posava. Dá pra ver que eu tô meio puta? Tava MUITO na real. E eu tô de óculos, porque meu olhar tava neles. E obviamente eu me senti insegura. Aceitar-se em casa e pisar na rua e dar de cara com uma galera que não faz NEM IDEIA das coisas que você vive e acredita é muito difícil. Mas é necessário iniciar o movimento, ir atrás e fazer o que você está a fim de fazer, afinal de contas só você pode fazer isso, sabe? E mesmo que você esteja se amando, toda desconstruída e maravilhosa, esses momentos vão rolar, é normal sentir insegurança e segue o baile! Não deixe que ninguém tire de você a sua maior preciosidade: o amor-próprio. Levei muito tempo pra construir

⁸ Amigo e fotógrafo da Alexandra Gurgel.

minha autoestima pra 50 macho vir e destruir, saca? Não perca tempo e energia com quem não merece! E SEGUIMOS O BAILE!

Observamos maior número de postagens relacionadas a comportamentos que discutem empoderamento, autoestima e gordofobia. Neste perfil encontramos menos *posts* relacionados a moda, no entanto, as fotos postadas insinuam a importância da moda.

Mariana Xavier, atriz, tem seu perfil no *Instagram*, além de um canal no *Youtube* denominado de Gordelícia. No período da pesquisa teve 125 publicações numa perspectiva de descrever seu cotidiano, atividades que realiza, cuidados com o corpo e com a saúde, descreve em seu perfil que “A vida tem possibilidades demais pra gente se deixar resumir por 2 ou 3 dígitos” traz desta forma a importância da auto aceitação e de não aceitar rótulos. A repercussão de seus posts é grande, fato relacionado a sua profissão, por ser pública, também traz a questão de transpor a barreira entre artista e magreza.

Ao observar os comportamentos dos perfis, as categorias que surgiram desta análise serão descritas a seguir.

5.2.1 Moda.....com que roupa eu vou

*Pois esta vida não está sopa
E eu pergunto: com que roupa?
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?
(Noel Rosa, 1929)*

O movimento *plus size* tem seu início através da moda, seu público tem dificuldade de encontrar roupas, apesar de ser uma grande parcela da população. Nesta categoria agregamos as falas das responsáveis pelos perfis e das seguidoras. Na maioria dos momentos as responsáveis pelos perfis não faziam alusão a roupa que estavam vestindo, no entanto houve grande repercussão entre as seguidoras. Através da internet encontram espaços para discutir e trocar informações sobre onde encontram e como se vestir, como mencionam:

Você pode usar uma jaqueta jeans masculina oversized (grandona) e acinturar

com sua pochete, neném (Alexandra).

Oi, mulherões! Quero criar uma galeria com dicas de óculos para gordinhas lá no Blog Mulherão e quero ilustrar com fotos de vocês! (Renata).

E a dificuldade de encontrar armação para gordinha de rosto largo, o povo só faz aqueles óculos para rostos fininhos, aff. (Seguidora Renata).

Algumas peças de roupas que foram vestidas chamaram mais atenção e comentários das seguidoras. Estas peças estão relacionadas a maior dificuldade de serem encontradas, como o caso do biquínis e maiôs que sigam as tendências da moda atual. Roupas modernas e bonitas ganham ênfase das seguidoras, que tem as responsáveis pelos perfis como referência.

blogmulherao@cordejambomodapraia e seus biquinis com mega sustentação que dão um up nas peitcholas, e calcinhas que dão aquela valorizada no derrier...(Renata).

Lindosssss @alexandrismos amei seu maiô se importa de dizer onde comprou?” (Seguidora Alexandra).

Xanda, teu maiô é da feminina plus? Mostra ele pra nós! Comprei um da lehona de poá que é um ahazo menina! Mas esse aí todo trabalhado no glow... Fala sério! Lindo! (Seguidora Alexandra).

Minha senhora, plmd⁹ onde a senhora arranjou esse tomara que caia. Meu sonho de princesa biquíni tomara q caia mas nunca acho um q fique confortável. E vc parece ta tao confortável (Seguidora Alexandra).

⁹ Gíria utilizada para descrever “pelo amor de Deus”.

Elas vestem algumas roupas e indicam onde estas peças podem ser encontradas, a maioria ainda em lojas *online*.

Agora o look completo com top e calça @ackonwear e colete jeans customizado da @blossoms_oficial todas marcas que participam do Mulherão Fashion Tour (Renata).

Chegou esse body lindo da @gg.rie aqui em casa hoje e eu joguei no corpo correndo pra fazer uma foto. Lindo demaissss! Quero ir pra balada com ele (Alexandra).

Que tal esse look cineminha com essa t-shirt maaaara da @tolennstore ??? Foi amor à primeira vista!fim de um dia lindo de trabalho! Equipe que alonga unida, permanece unida! Em breve nas lojas #ColeçãoMarianaXavier !(Mariana).

Ao expor nas redes sociais a forma que se vestem, influenciam outras pessoas a se aceitarem, buscarem alternativas e novas possibilidades de experimentar, apesar das dificuldades e frustrações que ainda enfrentam em escolher suas roupas.

Oi, tudo bem? Eu descobri o seu canal faz pouco tempo.. Só queria dizer que eu assisti o seu vídeo "Vai feia mesmo" e fui na festa de Natal do trabalho (que eu não teria ido de jeito nenhum qd nenhuma fucking roupa do meu guarda-roupa não coube mais em mim). Olha, me diverti muito! Obrigada por isso (Seguidora Alexandra).

nossa esse final de ano pra mim oi frustrante queria caçar biquínis ou maiôs não tinha pro meu tamanho :(tive que usar uma camisa e dar um jeitinho mais me diverti dmssss e isso que importa, fico pensando antes NUNCA usaria algo mostrando meu corpo, hoje não perco uma oportunidade , e isso é graças a vc tb xandinha ♡ que nos da coragem pra nos dispir de preconceito e nos revistir de segurança e amor ♡ (Seguidora Alexandra).

Eventos de moda *plus size* apresentam cada vez um número maior de empresas especializadas em roupas *plus size* ou empresas que produzem roupas para todos os tamanhos.

Imagem 1- Renata Poskus sobre o Mulherão Fashion Tour.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BcqtrmWnxgW/?taken-by=blogmulherao>

Imagem 2 – Propaganda do Fashion Week *Plus Size*.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Be1ngYMnzyT/?taken-by=blogmulherao,2018>

Com a ascensão da moda *plus size*, o mercado de modelos tem a oportunidade de expansão, exemplo são a disponibilidade dos cursos e fotos no perfil do Blog Mulherão da Renata Poskus.

Imagem 4 – Blog Mulherão sobre Workshop de modelos *plus size*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Be-XhFvHY0d/?taken-by=blogmulherao>, 2018

Ao discutir sobre moda observamos o “poder” que a moda proporciona ao expandir o movimento *plus size*, por apresentar alternativas de roupas que atendam as necessidades destas mulheres, demonstrar coragem em expor seus corpos. Usar roupas consideradas proibidas para gordas, como biquínis, roupas brancas. Para muitas pessoas gordas é ainda um desejo poder entrar numa loja e escolher uma roupa que goste e não pelo tamanho disponível. A roupa se estabelece também como uma construção social, uma forma de conquista e protesto ao não aceitar se vestir como “gordas”. Influencia na forma como as pessoas se relacionam e se sentem capazes ou não de se expor em determinada situação de vida.

Ao analisar a influência da moda nas pessoas gordas, Zanette, Lourenço e Brito (2013) demonstram que a dificuldade que as consumidoras enfrentam em consumir moda, devido a escassez, falta de padronização dos tamanhos ou se submeter a lojas especializadas em *plus size* que não atendam suas expectativas, reforçam estigmas e a formação de uma identidade. Todavia, demonstram que elas encontram soluções para seus problemas, como compras online, amizade com vendedoras e *blogs* de moda *plus size*.

Apesar da expansão da moda *plus size*, as pessoas gordas ainda encontram muitas dificuldades e são “marginalizados”. Por exemplo, eventos de moda paralelos às grandes semanas de moda como a São Paulo Fashion Week, representação mínima ou ausente de modelos *plus size* nas maiores marcas de roupas.

Fernandes e Barbosa (2016), defendem que a construção social dos corpos é composta por três formas de corpos que são aceitos e bem vistos na sociedade, os

corpos “marquesa” que buscam a saúde e a vida saudável e relacionam a gordura à patologias; os corpos “*passerelle*”, que têm a magreza como principal qualidade; e os corpos “*podium*” que valorizam o IMC e o índice de gordura através de exercícios físicos. Nesta concepção, a gordura é abolida, pois confronta a harmonia dos corpos, e uma arma, na sociedade da imagem, é desviar o olhar, é evitá-la.

Langdon (2009), traz que não é possível separar os conceitos de saúde dos outros aspectos da cultura. Desta forma, instiga que a alimentação ultrapassa as necessidades biológicas de alimentar-se, é um ato também constituído por fatores culturais, constroem a vida social e estão fortemente conectados à saúde.

Vestir-se segue esta perspectiva, constitui um ato social, que segue uma normativa coletiva, é estabelecida por padrões estéticos, status social e moral. O ato de vestir-se sucinta também coerções quando gordo não pode vestir branco, que deve preferir preto, não deve usar biquíni ou não encontra a roupa que deseja vestir.

Ao abordarmos sobre moda na área da saúde, percebemos a sua importância na constituição do indivíduo, que, através de sua socialização, possui padrões de vestimentas para cada ocasião específica: para ir à praia, sair com os amigos, socializar, sentir-se bem, não encontrar roupa para estes momentos gera sofrimentos, reclusão e sentimento de não pertencimento aquele grupo, influenciando em sua vida e saúde.

5.2.2 Cotidiano

Ao demonstrarem seu cotidiano, as responsáveis pelos perfis se aproximam das seguidoras, mostram atividades voltadas ao seu trabalho:

Hoje se iniciou uma nova etapa! Não mais @biga.oficial , mas Mariana. Agora visto minha própria pele com a missão de continuar encorajando milhares de consultoras de beleza a tomarem as rédeas de suas vidas e serem protagonistas de suas próprias histórias, e com a alegria e o aconchego de representar uma empresa que eu tanto admiro! Obrigada, @naturabrofficial pela confiança! Seguimos juntas nesse #bemestarbem !(Mariana).

Enfatizam a importância e os benefícios de realizar uma atividade física, principalmente com prazer, como no vídeo dançando na academia, ou mesmo em eventos sociais como festas e samba.

Sábado animado dançante queimando as bruschettas! Feliz aniversário, (Mariana).

*Tem gorda no samba Treino logo cedo e em dia de chuva vale * na ficha! Ponto para as meninas (Mariana).*

Nem sempre são alegrias, há também os momentos de dificuldades, e estes momentos trazem uma aproximação com seu público. Os sofrimentos que ocorrem e são mostrados, as tornam pessoas reais diante de suas seguidoras, que em algum momento da vida também sofrem e não há problemas com isso.

(Foto tirada agora)Eu tô doente real. Faz anos que eu não tenho algo sério e, sei lá, acho que nesse nível nunca rolou. Eu tô sentindo dores desde novembro, mas achei que fosse por conta do estresse da mudança e meio que só aguentava. Até que eu vim, finalmente, descansar no Rio 3 dias e pá: eu tive uma crise de dor tão forte que perdi a razão. Foi surreal. Fui ao hospital e depois de horas descobri que é uma infecção no rim, pielonefrite que chama. É bem sério e eu tô precisando de ajuda pra TUDO, pois a dor trava o corpo e os remédios me deixam grogue. Quis dividir isso com vocês porque eu fui muito negligente comigo mesma. Eu sempre postergo a ida ao médico e tô pagando o preço. Cuide de você MESMO. Por favor. A dor da falta de cuidado é imensa. Mas deus é maravilhoso e me deu a oportunidade de passar por isso com meus pais cuidando de mim. mandem boas vibrações, por favor! Tô assustada e precisando (Alexandra).

Cheia das olheiras, sim! Estou embalando caixas e fechando tudo porque me mudo amanhã. Ou seja: não consegui entregar o vídeo de hoje. Essa correria está

me tomando todo o tempo, mas segunda voltamos à programação normal com live na casa nova :) bom domingo pra você (Alexandra).

As discussões também ocorrem em torno da aceitação, autoestima e cuidados diários com o corpo, com o cabelo. Desmistificam os estigmas que a pessoa gorda não cuida de si, que não tem vaidades e não se sente bonita.

É cabelo roxo tratado e sedoso que fala? TÁ TENDO! E bota roxo nisso, mermão! Se você fosse pintar seu cabelo de colorido, qual cor escolheria e pq? (Alexandra).

Cortei o cabelo ontem à noite. Mandeí embora uns 20cm (vou doar) e ameeeeei! Já foi um reflexo de 2018 agindo! Aliás, no vídeo que eu subi agora eu falo 8 coisas que você precisa saber pra levar esse ano numa bouaaa, sabe? Vai lá e me diz aqui: qual a dica que você daria pra alguém levar o ano numa boa?(Alexandra).

Imagem 4 - Mariana Xavier fazendo tratamento estético.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BcuI9JLASms/?taken-by=marianaxavieroficial,2018>.

Encontramos posts que apresentavam unicamente atividades do cotidiano, como na foto do prato de comida, um livro que estavam lendo, uma festa ou um exercício físico que estavam realizando. Em outros encontramos nas atividades do cotidiano a permeabilidade de mostrar o que pensam, e formas de enfrentamento como na foto onde

se declara “Fiona”¹⁰, mostra seu corpo que transgride os padrões de beleza, mas ainda assim é uma princesa.

Contudo, apesar de não seguirem os padrões de outros influenciadores digitais (maquiadas, arrumadas e felizes) ainda assim existe a performance deste local que se encontram como influenciadoras digitais. Apresentam o que seu público, o *plus size* espera delas, trazendo uma homogeneização dos assuntos debatidos, do comportamento e da exposição do corpo. A construção do seu perfil acontece através da transformação que Illouz (2006) traz do “o eu privado em uma performance pública”, este perfil busca se tornar competitivo, aceito e para isso, consumista, principalmente de moda e o corpo possui centralidade neste processo, esta centralidade é maior no meio midiático.

Embora boa parte da população esteja conectada, participar destes movimentos de discussão remete a uma parcela restrita da população, como demonstra Miskolci (2017) que este acesso não é universal, é mais acessível a pessoas predominantemente de classe-média baixa para cima, letradas, jovens e residentes em regiões urbanas.

As sociedades que se estabelecem pelas relações baseadas na conectividade ganham cada vez maior importância na vida das pessoas. Ainda não substituem o contato direto com as pessoas, mas favorecem maior interatividade, ampliam a rede relacional e permitem a constante interação com as pessoas (MISKOLCI, 2017).

Expor sua vida na internet influencia no cotidiano de outras pessoas, inspira e estabelece uma socialização que ultrapassa os limites de sua sociedade física, inicia uma discussão sobre os padrões de beleza existentes e os estigmas que o corpo gordo enfrenta.

5.2.3 Comportamento

A categoria tratada como comportamento busca compreender as discussões que as responsáveis pelos perfis fazem em relação a condição de ser gorda. Trazem discussões de como as relações sociais e as amizades contribuem para manter sua autoestima. Corpo e sua construção social e cultural, seus “tipos” de corpos ideais para

¹⁰ Trata-se de uma alusão ao filme “Shrek”, Fiona é uma princesa ogra.

cada situação e as normas relacionadas ao corpo. As experiências referentes discriminação de seus corpos, a gordofobia. Os dias ruins, quando não aceitam seu corpo, sua vida e sobre tentativa de suicídio, mas também trazem o empoderamento e autoestima referentes a seus corpos.

Foi possível observar a importância da amizade na aceitação de seus corpos, a criação de vínculo com pessoas que a compreendam, aceitem sua condição. Outro aspecto importante foi o afastamento de pessoas preconceituosas e que criticam constantemente.

o melhor de ter um bonde empoderado andando com você é fazer fotos como essa e apenas enaltecer a VIDA! Aliás subiu vídeo no canal falando sobre monte de coisa legal pra você repensar a sua ;) (Alexandra).

Você também tem um amigo que você não ia com a cara antes de conhecer e agora é TUDO na sua vida? MARCA ELE/ELA AQUI!!! Eu apenas AMO e agradeço à deusa por ter colocado @caio.cal na minha vida este ano (Alexandra).

LÊ UM TROÇO AQUI: não tem nada melhor do que andar com uma galera que entende você. Por isso, olha que engraçado, desde que comecei meu processo de aceitação, uma das coisas que sempre falei foi: tire as pessoas que não te fazem bem da sua vida e procure conviver com gente que te agrega. Eu passei 2016 fazendo uma limpa nas amizades e achei que nunca mais ia ter uma galera. Em 2017 eu me mudei pra São Paulo e aí mesmo eu tive certeza de que ia passar muito tempo sozinha. Engano meu. Naturalmente o squad foi sendo formado, pois comecei a frequentar eventos e lugares que esse povo maravilhoso estava. Mudou tudo, saca? E tem gente que acha que só tenho amigos gordos ou só prefiro que sejam gordos. Não prefiro nada, aconteceu, mas te falar: nada melhor do que ver esse povo ocupando os espaços com seus corpos do jeito que são! Na balada, na piscina, na praia, nos jobs, nos eventos, nos bares, em todo canto. E a gente ocupa um GRANDE ESPAÇO mesmo e eu só me orgulho disso! Fazemos VOLUME! E

se você quer ver esse pessoal e muito mais, dia 24 de fevereiro São Paulo vai ficar PEQUENA pra gente! ♥ aguardem! (Alexandra). (Grifo da autora).

O corpo apresentou-se com intensidade nas discussões. Há uma construção de sua aceitação, que é um processo longo e difícil. Por mais que acreditem na importância da aceitação e que o corpo é reflexo de uma construção social e cultural também encontram dificuldades em sua aceitação. Apresentam a repercussão na construção de sua personalidade.

Durante a pesquisa surgiu um movimento denominado “*tour pelo corpo*” criado por Luiza Junqueira, e reproduzido por uma série de outras mulheres, que mostram seus corpos na sua forma natural, nomeando os aspectos que são aceitos, os que são tolerados e também os aspectos odiados.

Em dois anos de canal eu nunca tinha mostrado o meu corpo de verdade. Não que eu o escondia, mas com a tag criada pela @luizajunquerida#tourpelomeucorpo, isso se mostrou possível. Até então ninguém tinha feito um vídeo dessa maneira e eu achei simplesmente INCRÍVEL! Quer tag melhor que essa, meu bem? Pois no vídeo que acabei de subir eu estou 100% vulnerável e conto e mostro pra você exatamente como eu sou. Com as partes que eu amo, as que eu não gosto e como eu lido com tudo isso. Porque o que eu aprendi nesse tempo todo do meu processo de aceitação é que MESMO que você se ame, muita coisa ainda vai te incomodar. E eu entendi que está tudo bem, sabe? A diferença é como você lida com isso, o que você faz a partir disso. Pra mim, aparecer num vídeo de calcinha e sutiã (são da @gg.rie) é algo revolucionário. Eu nunca me imaginaria assim, tão nua, tão exposta e sabendo que isso pode, de fato, ajudar as pessoas. Espero que o vídeo te inspire a olhar para você, a encontrar você, a entender que não tem NADA DE ERRADO contigo, sabe? E espero viver em um mundo, daqui alguns anos, em que essa tag no youtube seja tão relevante quanto 50 fatos sobre mim etc. Porque mostrar quem você é de verdade não é fácil, no vídeo eu me surpreendi com algumas partes que eu costumava odiar e nem lembrava, mas isso é LIBERTADOR! Tome a sua dose de poder hoje e, meu amor, SÓ VAI! VIVA O

AGORA e vá ser feliz, meu bem! BORA? #gordofobianãoépiada (Alexandra). (Grifo da autora salientando as questões midiáticas, propagandas e consumo).

A verdade. Sem maquiagem, sem filtro, sem pose. O vídeo de hoje é um relato profundamente honesto sobre a minha relação com o meu corpo e uma tentativa de estimular você a ter uma relação melhor com o seu! Saúde mental também é saúde! Corre pro canal, que já tá no ar! #tourpelomeucorpo #youtube#youtubebrasil #autoestima #bodypositive#diversidade de #mulheresreais (Mariana).

Imagem 5 – Mariana Xavier falando sobre corpo.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BeRbSrgAUaL/?taken-by=marianaxavieroficial,2018>

Verão, estou lhe usando com o MEU corpo de praia. (Alexandra).

Minha bunda não é redondinha. Na real ela eh beeeem quadrada! Eu me sentia muito mal antes por isso, achava que eu era menos feminina e que ninguém me desejaria. A verdade é que eu tava tão enganada. Primeiro porque meu corpo é perfeito do jeito que ele é, é meu biotipo, minha história. Segundo porque eu validava a minha autoestima no que os outros pensavam de mim. Quando entendi que eu que tenho que gostar ou não, tudo mudou. E vou te falar que tô muito feliz e obrigadaaaaa! Isso não tem preço, mermã! Se olhe de outra maneira. Perceba-

se. Cuide de você como gostaria que alguém que te ama muito cuidasse! (Alexandra).

Meu corpo é livre. Meu corpo é meu. Sério que tão criticando os peitos da Bruna Marquezine? Pois é. Mais uma representação do machismo entranhado na sociedade, que visa padrões estéticos tão inatingíveis que nem existem. Se tu tem peitinho ou peitão, caído ou não, com estria ou não, inteiro ou não, com silicone ou não, é teu peito, mulher! Faz uns carinhos que ele gosta! Quinta-feira a gente fala mais disso no canal ;) (Alexandra). (Grifos da autora)

[CORPO PERFEITO] Já passou da hora da gente falar sobre a doença do corpo perfeito. Muitas pessoas estão, literalmente, doentes em busca de algo que simplesmente não existe. O corpo perfeito é a maior mentira que já te contaram. Então vai aqui uma verdade: por mais que você faça tudo “certinho”, você nunca vai “chegar lá”. Porque a insatisfação é o estado de espírito que é vendido pra gente. Então por mais que você já esteja dentro do padrão, sempre vai sentir que faltam apenas dois quilos, diminuir um ou dois tamanhos de manequim, aumentar ou diminuir um pouquinho aqui ou ali... E assim vai até que você se pega insatisfeita com você o tempo INTEIRO, odiando a si mesma. Sabe qual é a cura para essa doença? Acertou quem pensou em AMOR-PRÓPRIO! Somente ele é capaz de te curar disso tudo e te fazer entender que está tudo bem, sabe? E está mesmo! (Alexandra).

Na busca pela autoestima e aceitação, mostram como acontece este processo. Deixam evidente a importância das fotos (imagem para si e para o outro) e a procura constante em apresentar seu melhor lado para a sociedade. Apresentam uma das poucas falas sobre machismo e a pressão estética sobre as mulheres. A demanda idealizada pela aprovação constante negligencia a totalidade de seu corpo e provoca sofrimento.

O “ÂNGULO CERTO”. *Eu sempre preferi tirar fotos virando pro meu lado esquerdo. Aprendi que assim eu fico mais fotogênica e até aí tudo bem. O problema é que eu passei anos odiando meu outro lado. Achando toda e qualquer foto tirada estranha, feia, nem me reconhecia. Mas quando olhava no espelho, eu via os dois lados JUNTOS e isso me torturava. Finalmente, depois de anos assim, eu me aceitei por inteira e me reconheço nas imagens. Essa sou eu e em todas as outras fotos também. É a mulher que eu vejo em todos os lugares. Prazer ;)* #gordofobianãoépiada (Alexandra).

Imagem 6 – Mariana Xavier sobre ser gorda.



“Eu não me orgulho de ser gorda, eu me orgulho de ter a consciência de que meu peso não mede meu valor. Sou muito mais que um número na balança”



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BcaLIVtAUU9/?taken-by=marianaxavieroficial>, 2018

O post mais comentado (2.149 mensagens) da Mariana refere-se a foto acima em que está de biquíni e segue com a legenda.

Não me orgulho de ser gorda, me orgulho de ter a consciência de que meu peso não mede meu valor. Sou muito mais que meu numero na balança (Mariana).

Os comentários perpassam por todas as linhas aqui discutidas como orgulho pelo corpo, desejo das seguidoras de terem a autoestima, mas também encontramos comentário ofensivos por ser gorda e questionamentos referentes a saúde.

Na fala descrita a seguir, Alexandra celebra o seu aniversário, agradecendo seu crescimento e amadurecimento, onde o seu sofrimento em relação ao corpo foi sendo

superado, no entanto, apesar da crescente aceitação e autoestima, a ideia de superar um sofrimento é constata. Agradece a vida, pois no passado tentou suicídio e relaciona a não aceitação de seu corpo e não pertencimento aos padrões sociais como gatilho. Hoje sua experiência influencia outras pessoas a não passarem pelo que ela passou.

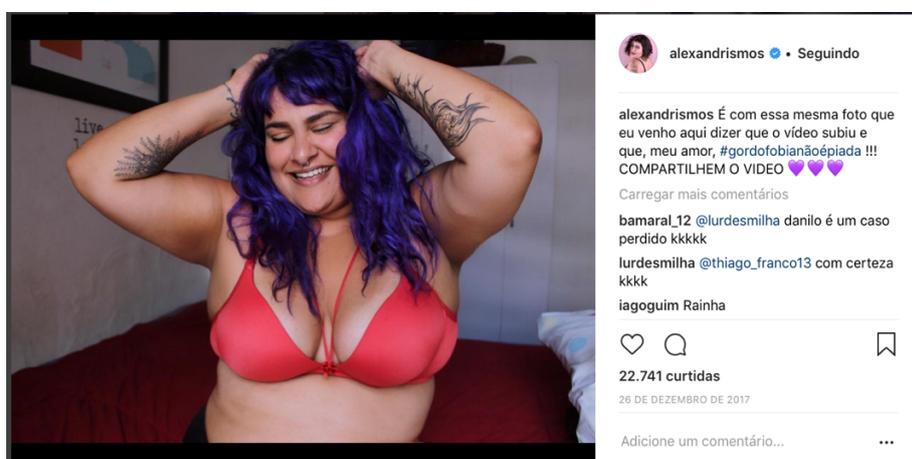
HOJE É O MEU DIA, QUE DIA MAIS FELIZZZZZZZZZ! Essa coisa marlinda da foto sou eu, na época Xandinha, comemorando um ano de idade em pleno carnaval. Depois de anos e anos sem gostar de celebrar o dia que eu nasci, hoje eu fico imensamente feliz e agradeço a todas as forças superiores por eu estar viva. Como também aos meus pais que levaram 4 anos até “engravidarem” de mim e às pessoas da minha família que me ajudaram quando eu tentei desistir, pois eu renasci depois disso. A minha vida vale muito, demais, e hoje viver essa realidade em que tudo o que rolou comigo me fez crescer e amadurecer TANTO é maravilhoso. Quem diria que esse sofrimento se tornaria uma luta e ajudaria pessoas? Isso tudo só me faz acreditar em uma coisa: a vida é incrível. Acredite. PARABÉNS PRA MIMMMMMMMMMMMMM quase nos 30! Obs: puxei meu gosto por plantas da minha mãe, olha a nossa casa hahah (Alexandra).

Ouvir e acolher a si mesmo, sem julgamentos e com aceitação, integrando as sombras da alma à personalidade, não é relativismo moral ou resignificação paralisante. Ao contrário, é o vivenciar pleno do sentimento de 'amor a si mesmo' - amar-se como se é e não do jeito que gostaria de ser. @rossandroklinjey (Mariana).

Sempre batemos na tecla que é importante entender que unanimidade não existe, ela é uma ilusão. Quanto mais a gente tenta agradar todo mundo, mais a gente se perde da nossa essência, então quando deixamos esse desejo para trás, nos libertamos para sermos nós mesmas. E isso não poderia ser mais #paposobreautoestima (Mariana).

A grande maioria dos *posts* era encerrada com a expressão #gordofobianãoépiada. No entanto, alguns posts trazem discussões diretas sobre o assunto. Como o caso abaixo, onde Alexandra posta uma foto de sutiã, a mesma foto que foi usada em uma matéria da BBC (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726>) que fala sobre empoderamento e que em seguida foi usada por Danilo Gentili para fazer piadas, consideradas gordofóbicas. Este *post* teve grande repercussão com 1.182 comentários até 20 de abril.

Imagem 7 – Alexandra Gurgel



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BdLdlvaH-Lr/?taken-by=alexandrismos>, 2018

Renata traz a discussão porque gordas incomodam, sugere que as pessoas consideram que a felicidade está centrada no seu peso, caso você não tenha o peso adequado da sociedade, não tem direito de ser feliz e se amar. Nesta interpretação, pessoas magras não sofreriam.

Gordas felizes incomodam. É por isso que surgem tantas piadas sobre nosso peso, é por isso que estereotipam nossos hábitos. É por isso que tentam nos diminuir. Quando nos mostramos felizes, acabamos com padrões, mexemos em feridas, desconstruímos achismos. Como assim, ela é feliz gorda e eu, magro, não sou? Geramos revolta! Seja quem você quiser ser e não permita que te diminuam por suas características físicas. Gordofobia não é piada! Você não merece isso! (Renata).

Ou como no caso a seguir, que Renata participa de uma discussão em que a pessoa foi chamada de doente e deformada por ser gorda.

Para entenderem o contexto: As @ipanemaoficial contrataram a dançarina @thaiiscarla para uma campanha super bacana insentivando as clientes a viverem seu plano de verão, sendo um dos planos sugeridos viver o amor próprio.-----> Aí essa moça, Cássia, postou o que sempre vemos nos comentários: que gordo tem o corpo deformado, que é feio, e tem a saúde debilitada. Postou público, para todos lerem. E disse mais: que gordo é horroroso, feio etc... -----> Uma moça muito linda, Raquel Pegoraro, tentou argumentar que podem existir gordos saudáveis e felizes. Muitas entraram na discussão, mas a senhora deste post continuou as ofensas sobre o pretexto de ter "liberdade de expressão". Também falou que ela é gorda e acha tudo isso dela (ela não é gorda), e como se auto-defender fosse diminuir o peso de suas ofensas. Como se trata de um post público, entrei e postei: "Sou gorda e gata, se você é horrorosa o problema é seu". E esta foi a resposta dela. Todo o bafafa com prints vocês encontram no Blog Mulherão. #gordofobianãoépiada (Renata).

<https://www.instagram.com/p/BdtsgJQH6Ch/?taken-by=blogmulherao>

A categoria proporcionou debates sobre os padrões sociais e culturais de comportamento e beleza ocidental, principalmente ligados ao comportamento que corpo gordo deve seguir. Torna-se um local de enfrentamento destes padrões, suas dificuldades por serem gordas, sofrem agressões pela condição e exposição de seu corpo e servem de inspiração para suas seguidoras.

Estas discussões trazem o que Duarte (p.177, 2003) chama de

“ ‘perturbações físico-morais’ aqueles eventos de vida considerados irregulares ou anormais pelos sujeitos sociais e que envolvam ou afetem não apenas sua mais imediata corporalidade, mas também sua vida moral, seus sentimentos e sua auto-representação”.

A gordura está além de seus corpos (físico), a sua representação na sociedade e seus aspectos físicos estão moralmente normatizados, causando nestes indivíduos uma experiência de saúde/doença através de reclusões, sofrimentos mentais, sentimentos de inadequação e perturbações.

É evidente o sofrimento que enfrentam, no entanto buscam um protagonismo em sua vida, expressam seus anseios, partilham experiências de forma positiva e travam discussões em espaço público sobre seus preconceitos. A melhora da autoestima como legitimadora deste enfrentamento impede uma discussão mais ampla da naturalização dos conceitos de beleza ocidental e a criação de normas incessante por um corpo perfeito. O corpo perfeito como sinônimo de saúde, bem-estar físico, psíquico e social, proporciona e estimula práticas em busca de uma perfeição inalcançável, de um corpo que segue padrões construídos socialmente e culturalmente.

Questões referentes a construção social e cultural dos corpos e suas repercussões nos indivíduos, devem ser discutidas no âmbito da saúde coletiva, para que profissionais estejam capacitados a compreender e identificar nos atendimentos individuais e em grupos estratégias de prevenção de transtornos alimentares (anorexia, bulimia) e transtornos mentais bem como depressão, suicídio, decorrentes do culto ao corpo perfeito, com regras cada vez mais rígidas de beleza.

5.3 Repercussões nas redes sociais

Nesta etapa do texto apresentarei a repercussão e as interações entre as seguidoras destes perfis. Todas as mensagens foram lidas e mantidas da forma original que foram escritas, com seus erros, abreviações e gírias.

Percebe-se que a postagem da responsável pelo perfil direciona o assunto discutido, mas as discussões não se limitam ao assunto postado, desta forma, faz-se necessário acompanhar todas mensagens, pois algumas categorias surgiram entre linhas e comentários não necessariamente numa lógica, passando despercebidos pelos demais seguidores.

Houveram momentos de desabafos, acolhimento, críticas e ofensas. Nos momentos de críticas e ofensas, sempre houve grande repercussão entre as seguidoras, que defendiam seu ponto de vista e principalmente defendiam as responsáveis pelo perfil.

Alguns comentários foram respondidos pelas responsáveis dos perfis e houveram momentos de interação, o que desencadeou maior participação e comentários das seguidoras.

Desta forma, ao analisar e compreender os comentários das seguidoras, as categorias recorrentes são apresentadas a seguir:

5.3.1 Saúde *versus* doença

O seu ardil mais diabólico
está em fazer-se doente.
Joga-me o peso dos males
que ele tece a cada instante
e me passa em revulsão.
ANDRADE, 2015.

Um corpo gordo é denominado na biomedicina como um corpo obeso. Repleto de símbolos e valores construídos ao longo da história, a obesidade é caracterizada como doença. Nesta interpretação, todo corpo gordo é doente.

Acho vc uma atriz top. Mas, sentir orgulho de ser gordinha é mal...digo isso não pela estética, mas, sim pela saúde! (Seguidora Mariana).

Os comentários esclarecem que se refere à preocupação com a saúde e não tem relação com a estética, questionam sobre o orgulho em ser gorda e referem que não é uma boa atitude.

Relacionam a preocupação com a saúde aos conhecimentos da biomedicina sobre a relação entre gordura, obesidade e o acometimento por doença, como no relato:

Moça vc como eu precisa se tratar. Obesidade eh uma doença grave. Estou com pressao alta, síndrome de ovários policísticos e endometriose. Alerta as mulheres.

Fui internada semana passada com crise de hipertensão por estar obesa. Banha e celulite, barriga, não são saudáveis. Estou numa luta contra a balança agora mas por saúde, não por vaidade (Seguidora Mariana).

Há seguidoras que comentam contrárias a esta argumentação, sobre ser gorda sinônimo de doença. Expondo que está fora do peso recomendado e possui saúde.

ser gordinha não sinal de pessoa doente estou acima do peso e fiz um check Up e fui muito elogiada pois estou ÓTIMA. Então se cuide mesmo e não ache que todos somos iguais faça um post seu e coloque o vc quiser, faça seu alerta (Seguidora Mariana).

...eu sou gorda, 95kg e eu sou saudável, não tenho nenhum problema de saúde, faço exames, não tenho colesterol alto, nem nada (Seguidora Alexandra).

Esta exposição não repercute na opinião das pessoas. Associam a sua doença à obesidade e todos os demais obesos também serão acometidos pelas doenças.

Outra imbecil. OBESIDADE EH DOENÇA E CAUSA VARIAS OUTRAS DOENÇAS, COMO CAUSOU EM MIM e vai causar em Vc, na Mariana e em todos os obesos. (Seguidora Mariana).

...! Estou doente por obesidade mesmo, assim como a Mariana, a Preta Gil e a Jojo Todynho e elas incentivam pessoas idiotas como vc a continuarem doentes para desenvolver hipertensão, diabetes, infertilidade, problemas cardíacos e nos ossos, gordura no fígado, etc. Acorda!!! (Seguidora Mariana).

Pensamentos que vinculam obesidade, saúde e doença também envolvem conceitos morais como a preguiça, a gula. A associação entre gordura e descuido com a saúde está presente e é reproduzida inclusive nas pessoas gordas, como o relato a seguir:

Sempre os mesmos argumentos de que gordo é doente e preguiçoso até quando as pessoas vão usar isso como desculpas para atacar os gordos ,aí vem o povo dizer que não existe gordofobia que estamos fazendo muito Mimi. (Seguidora Renata).

Oi Alexandra! @alexandrismos Comecei a te seguir há um mês e me identifiquei com vc, com suas idéias... Sou contra oprimir minorias e a favor do amor.. irrestrito! Mas me peguei refletindo que quanto engordei, com 25 anos e 85kg, tive que começar a tomar remédio pra pressão, estava com todos os exames alterados, triglicérides altíssimo e esteatose hepática. Exagerando um pouco: Eu me amar do jeito que estou significa permanecer com os hábitos novinhos que me levaram a ter uma saúde precária... Até que ponto é legal valorizar essa ideia? Sabe.. precisamos refletir... (Seguidora Alexandra).

Existem questionamentos sobre esta forma de pensar e algumas seguidoras defendem que as influenciadoras incentivam a aceitação de seu corpo e esta, não está atrelada ao descuido com a saúde. Ressaltando que o gordo tem amor ao corpo, cuidado à saúde, utiliza alimentos saudáveis. Reforçam que o pensamento que gordo não cuida da saúde é preconceito para atacar gordos.

....existe uma linha tênue entre se amar e se desleixar. Não é pq vc se aceita gorda que tem que viver comendo bobagens, isso prejudica a saúde. Se amar é você entender que seu corpo é sua casa e deve cuidar dele, ainda existe esse preconceito enraizado de que gordo só come porcaria. Nosso corpo precisa de nutrientes, amá-lo é também reconhecer isso! (Seguidora Alexandra).

...e a Alexandra não valoriza hábitos ruins, acho que você entendeu a mensagem dela de forma errada. O discurso dela, em resumo, é sobre parar de lutar contra si mesma em busca de uma aparência inalcançável (Seguidora Alexandra).

...por mais incrível q pareça, criamos um padrao errado q gordos ou pessoas muito magras n sao saudaveis, e isso é uma completa mentira, pois n sabemos da saude da pessoa em si, tem gente q so como coisa q faz bem, coisas nutritivas e é gordinho por genwtica, por isso n podemos opinar e tals sobre isso (Seguidora Alexandra).

As pessoas associam vida saudável e magreza! Gente o gordo tbm pode se alimenta de coisas balanceadas e cuidar da sua saúde. Que inferno não ? (Seguidora Renata).

Há quem ensaie relativizar sua convicção de saúde e doença associada a forma física e que o ideal é não ser nem gordo nem magro.

Mano, nada contra gordos, mas tipo... A Saude. Para ser saudavel temos que estar nem tão gordos nem tão magros (Seguidora Alexandra).

Um corpo é um corpo, mas o que vale mais é a saúde, independente do peso. Saúde acima de tudo, não é só se sentir bem com o corpo que tem (seja magro ou gordo) o que tem que pesar é a saúde está em dia! (Seguidora Mariana).

fora que gordura não é só questão de estética é de saúde tbm! (Seguidora Mariana).

Segundo Chauvenett (2005), pensar o corpo gordo como um desviante das normas e da condição de saúde como constituinte da lei é estabelecer uma relação direta com uma perturbação e ruptura da ordem social. Uma sociedade onde a responsabilidade individual não é posta em dúvida, a infração é passível de sanções.

Igualmente, na mídia este pensamento é reproduzido, onde o gordo é culpabilizado por sua condição e passível de punição, principalmente por sobrecarregar os custos com saúde (OLIVEIRA *et al*, 2012).

Francisco e Diez-Garciam (2015), propõem um exercício aos profissionais de saúde em evitar o estigma sobre a obesidade, que ainda é presente, apesar de pesquisas sociais da década de 50 demonstrarem este preconceito, pouco se discute sobre compreender o percurso histórico e a normalização dos corpos. Os autores discorrem sobre as forças de saberes e preconceitos dos profissionais de saúde sobre os obesos, julgando-os de preguiçosos, com falta de vontade e disciplina, acima de tudo como principais responsáveis pela sua condição de obesos.

A relação como a gordura é percebida, agora denominada obesidade, tem sua construção histórica, e esta relação produz uma preocupação constante com a saúde do gordo. Fato pode estar relacionado a uma normatização de um padrão fortemente ligado a hegemonia da biomedicina “tratada como verdade científica” que traz altos índices de doenças ligadas a obesidade.

Observa-se também uma questão moral em relação ao gordo, que por descuido, preguiça e falta de determinação não emagrece diante de tantos recursos disponíveis. O gordo torna-se um exemplo que não deve ser seguido, por não atender as expectativas da sociedade ocidental contemporânea.

5.3.2 Doces e amargas relações

Esta categoria apresenta as relações que se estabelecem entre as pessoas. Na fala descrita, mostra a importância em estar entre pares e em um ambiente que é aceito.

Só quero registrar que gostaria de ter sentado com vocês em todos os meus recreios (Seguidora Alexandra).

O convívio com pessoas próximas que aceitam e admiram a pessoa como ela é, facilitam a aceitação e diminuem os sofrimentos.

....Meu esposo é mara e super levantou minha estima, fazendo eu enxergar em mim a beleza que ele vê... Aos poucos fui andando com a cabeça erguida... Sou nova aqui e super adoro tudo que faz.. ♥ (Seguidora Alexandra).

As opiniões de outras pessoas influenciam negativamente na autoestima e fazem com que as pessoas queiram mudar a forma do corpo para serem aceitas, independentemente se gostam da forma do seu corpo. Desta forma reforçam estigmas.

Juro queria muito ter sua alto estima, mas todos a minha volta ficam faltando(você tem q emagrece vc tem q emagrece) os meninos ficam me chamando de gorda já tenho 18 anos dói muito ouvir isso desde pequena me chamam assim, tento emagrecer tudo mas no fundo gosto do meu corpo mas as pessoas a minha volta me fazem me enxergar feia e gorda (Seguidora Mariana).

Os preconceitos vividos em ambiente familiar causam sofrimento. Por exemplo, foi relatada atitude como consumir bolacha de água e sal e café durante o dia para emagrecer. O processo de aceitação do corpo gera estranhamento e sinônimo de descuido da saúde e da aparência.

É difícil, vive a minha vida a tal gordofobia, seja por familiares, seja por amigos, seja por desconhecidos. Já cheguei ao limite de consumir um bolacha de agua e sal e um café (por dia). Entrei no processo de aceitação, e não é fácil, não vou ser hipócrita ao ponto de não dizer que tem dias que choro pq queria ser magra, ainda mais diante de situações diversas. Quando entrei nesse processo de aceitação, o qje mais escuto são críticas (nossa voce sempre foi vaidosa/ você tem que manejar/ você nunca chegou a esse tamanho) que ainda doem porque são ditas por pessoas que amamos (mamães, pais e etc). Sempre pratiquei esportes, sempre lutei com a balança, sempre quis ser magerrima, mas não consigo!!! São dietas e tudo outra vez!!! Cheguei ao limite de pensar na bariátrica!! Eu ja cheguei a secar e nessa epoca vi como todos me tratavam diferente, até a minha familia, e eu achava que de fato o erro era eu e a gordura, hoje sei que isso se chama gordofobia!!! Parabéns pelo papel que desempenham, sigo a [@beeeells](#) e a acho lindíssima e vocês tem ajudado muito nessa minha aceitação diaria! (Seguidora Alexandra). (Grifo da autora).

...Vc e linda como é sou super tua fã minha família e não meus amigos...mas minha família não tem respeito por mim .me chamam de baleia .de gordinha ...talvez os antidepressivos q tomo , possa fazer um dia eles enchergarem q estão me machucando de uma maneira que está causando feridas! Eu já pensei até em suicídio! Talvez se eu morrer eles acordem ! (Seguidora Mariana).

Pois é minha mãe me diminui diz sou horrível praia pra mim nunca biquíni então só pra magros (Seguidora Renata).

...estou falando o dia todo sobre isso com minha mãe... ela sempre diz que ninguém é feliz gordo , mas está mudando o próprio conceito , porque estou falando muito sobre auto aceitação, sobre amor próprio independente da condição física que se encontra.... te amo Mari (Seguidora Mariana).

Quando falamos de relações sociais, também falamos das relações sociais que se estabelecem no *online*. Acompanhar nas redes sociais pessoas consideradas nos “padrões” não favorece a autoestima, pois não conseguem atingir aquele padrão. Em outro momento a seguidora a considera a sua melhor amiga no ambiente *online*.

Hoje parei pra dar unf nas pessoas que eu tava seguindo e tava deixando minha auto estima bem pior do que já é. É muito ruim vc ficar vendo esses corpos " padrões " e tentar se encaixar nele de qualquer forma. Mulher vc é um inspiração foda!!!! (Seguidora Alexandra).

maravilhosa ♥ tu é minha melhor amiga das redes ♥ (Seguidora Alexandra).

As atitudes negativas e preconceituosas da sociedade produzem sentimentos pejorativos de menos valia que dificultam os relacionamentos sociais e afetivos, levando ao isolamento. As pessoas que aceitam sua imagem e seu corpo pertencem a um contexto social que as aceitam da forma como são (MACEDO, 2015).

As pessoas com quem o gordo convive ou se relaciona influenciam diretamente na forma como consolidam seu processo de aceitação. Podem influenciar de forma positiva na aceitação, quando livres de preconceito, ou de forma negativa quando reforçam estigmas e preconceitos.

Nas relações mais próximas, principalmente de familiares, que encontram a maioria das críticas em relação ao corpo, podendo ser reflexo da socialização destas famílias, a responsabilidade do cuidado à saúde e bem-estar exercido pela família. Expressam o desejo e a importância de serem aceitos e apoiados pela família.

Segundo Giddens (2005), a família é uma das responsáveis pela socialização e assistir os membros adultos no aspecto emocional, no entanto pode ser um local de refúgio, amor e compreensão ou um local de solidão, exploração e desigualdade.

Desta forma, ao abordarmos as questões relacionadas às pessoas gordas no âmbito da saúde, é importante a participação e conscientização da família, para que o gordo seja respeitado, ouvido e acolhido nas suas características e sofrimentos.

5.3.3 Tenho um espelho de corpo todo – a influência na vida das seguidoras

As seguidoras demonstram como as responsáveis dos perfis são exemplos a serem seguidos e influenciam na sua vida, exemplos de maturidade e que querem um dia atingir.

Mais é muito finaaaa essa mulher ♥️☐ quando eu crescer quero ser igualzinha a você (Seguidora Mariana).

Me inspiro e me identifico a você todos os dias... vc é tão linda, maravilhosa, divertida que não tem como se encantar com você... um dia chego no seu naipe bjos lindona adoro vc (Seguidora Mariana).

Maravilhosa vc e muito top admiro muito seu jeito de ser e levar a vida qdo der manda bjaio o mim @alericetto (Seguidora Alexandra).

Meu sonho é ter sua auto-estima, espero um dia conseguir e parar de me machucar quando alguém me chama de gordo e que preciso de dieta urgente. Se existe alguma fórmula me avisa pois não aguento mais sofrer (Seguidora Mariana).

A relação com o corpo está presente, as seguidoras admiram a forma como as responsáveis pelos perfis mostram e aceitam seus corpos, mas não aceitam a sua condição, mostrando a dificuldade de aceitar algo que está fora do que é construído socialmente e culturalmente.

Vc é a melhor pessoa sério te admiro muito,vc é muito linda ,e vc está certinha não é só pq as pessoas falam uma coisa de vc que vc deva dar atenção e vc ensina muito isso as pessoas a se aceitarem principalmente, a ser amarem, a serem o que elas são, não é um número que vá diminuir vc, tenho 15 anos e queria ter sua autoestima. A me achar linda bonita, mais não, me acho horrível, gorda que só (Seguidora Mariana). (Grifo da autora).

Tu és linda da orgulho de ver ,queria eu ter essa auto estima ,engordei 30kg por causa da endometriose e não consigo me aceitar ,entro nas lojas não acho nada que me sirva ,mas estou aprendendo muito com você ,e se meu corpo ficar assim vou aprender a me aceitar ,linda ,musa inspiradora (Seguidora Mariana).

Outro aspecto citado é a melhora na autoestima, servem de inspiração e auxiliam na mudança da vida e aceitação de seus corpos. Expressam sentimentos de gratidão por auxiliar em situações difíceis.

É fascinante a suavidade da sua presença, a sua beleza e o carisma e respeito que tem tratado seus fãs. Parabéns!!!! saiba que é uma inspiração para mim e muitas mulheres brasileiras que querem viver sua essência além das aparências. (Seguidora Mariana).

Moça, tu tens servido de inspiração pra mim!! Aos poucos estou criando coragem e transformando minha vida, estou apenas nos primeiros passos, sei que a caminhada será longa, mas irá valer muito a pena. Te desejo tudo de mais maravilhoso nessa vida e muita luz para que você continue fazendo essa revolução na vida das pessoas... Sou muito grata por ter te encontrado ... (Seguidora Alexandra).

Uma das coisas que eu mais acho linda em tu, é a tua maneira açucarada de enxergar a vida! Gratidão por ser esse poço de maravilindeusades e ensinar a gente, todo dia, a ser um pouquinho assim. Meu 2017 vai terminar lindo porque teus vídeos, fotos e vida me fizeram superar tantas coisas que tu nem sabe... Maravilhosa! (Seguidora Alexandra).

Amoo demais seus looks!! Um dia chego lá rrsr você me inspira a me amar gordinha do jeito que sou! (Seguidora Mariana).

Nas falas descritas a seguir, percebe-se que para as seguidoras, as responsáveis pelos perfis, auxiliam na desconstrução de padrões, resistir a fatores negativos em seu cotidiano e preconceitos por serem diferentes dos padrões construídos socialmente.

♥ quando pensar o quanto não gosta de uma parte de si, diga em voz alta o que a @alexandrismos disse: NÃO TEM NADA DE ERRADO COMIGO. Ser diferente é comum e não errado. Não é preciso caber em nada, encaixar-se. Pelo contrário... O negócio é se expandir, expandir aquilo que é na real em tudo na vida! É assim que a gente acha nosso espaço, né... (Seguidora Alexandra).

Xanda linda! Pessoa incrível! Mulher incrível! Vc n só ajuda pessoas gordas, vc ajuda pessoas com baixa autoestima, que sofrem por ser pressionadas por padrões impostos! Hoje levanto a bandeira bodypositive! Obrigada e continue assim! ... (Seguidora Alexandra).

Eu só queria dizer que vc sem sombra de dúvida é maravilhosa e incrível vc é um modelo pra mim vc me inspira e eu quero mt te agradecer pois nos meus momentos ruins quando eu me sentia totalmente deslocada e sem me aceitar, vc me fez acreditar q eu n preciso ser de um certo jeito pra ser bonita eu sou linda cm sou vc é simplesmente maravilhosa e poderosa!!!! Te adoro mt e eu n acredito q as pessoas n entendem q tem q ser foguete pra atingir estrela (Seguidora Alexandra).

Algumas seguidoras deixam evidente a influência na sua vida, com relatos que demonstram a intensidade da relação, como declarações que compraram o primeiro espelho de corpo todo, a voltar a comprar roupa depois de anos. Segundo uma seguidora com a ajuda das responsáveis pelos perfis tem voltado a viver. Outra seguidora considera uma gota de amor envolta ao ódio.

De tanto ver teus vídeos sobre amor próprio, sobre se amar comprei um espelho pra mim e pela 1ª vez NA VIDA (tenho 27 anos) tenho um espelho de corpo todo. Obrigada por me ajudar ♥☐ (Seguidora Alexandra).

Há anos eu não comprava roupas pra mim pq eu sentia q nada servia e nada ficava bom. Comecei te seguir e comecei a me aceitar, resolvi sair pra fazer compras e voltei com sacolas cheias e percebi que tudo sempre me serviu, eu q não aceitava quem eu sou e que sou linda como sou. Obrigada @alexandrismos ♥☐ ... (Seguidora Alexandra).

Se vc tivesse noção como tem me ajudado... Vendo seus vídeos, estou conseguindo começar a , voltar a viver. E encontrar uma nova beleza em mim (Seguidora Mariana).

Num mar de preconceito e ódio, vc é aquela gota contaminada de amor (Seguidora Alexandra).

Os perfis que apresentam e discutem um corpo fora dos padrões de beleza construídos socialmente e culturalmente influenciam de forma positiva na aceitação, desconstrução de padrões, resistir a fatores negativos em seu cotidiano, preconceitos, auxiliam na mudança da vida e aceitação de seus corpos. Estes resultados se assemelham ao realizado por Zanette, Lourenço e Brito (2013) que trazem a importância do acesso de informações *online* para a construção da personalidade de pessoas fora do “padrão”.

Um fator que merece atenção é a insinuação que a autoestima e empoderamento estão no plano de escolhas individuais, como no relato da seguidora que “queria ter sua autoestima”, “me achar linda bonita, mais não, me acho horrível, gorda que só” o que pode gerar ainda mais sofrimento, pois além de não estar nos padrões estéticos, não tem força para lutar contra estes padrões.

5.3.4 Suicídio

Alexandra Gurgel fala em alguns momentos que na adolescência tentou o suicídio por não aceitar seu corpo, que o processo de aceitação aconteceu lentamente. Estas falas abriram espaço para que outras pessoas expressem seus sentimentos sobre suicídio.

A cada dia que não quero mais fazer parte desse mundo, vc me mostra o quanto a presença de cada um, principalmente a sua, é necessária nesse mundo. Obrigada por me mostrar o lado bom da vida ♥ (Seguidora Alexandra).

Sobre o texto que você disse hoje nos stories: Isso é muito problemático porque na minha adolescência eu tive depressão por ser gorda, porque todomundo me falava coisas horríveis, pensei em suicídio muitas vezes e naquela época não tinha ninguém que me falasse "calma, tá tudo bem ser gorda", já cheguei a andar na rua sem olhar pros lados porque se um carro batesse em mim, tudo bem, tanto faz estar viva ou não. Não vou entrar em detalhes mas eu sofri muito e eu era 20kg mais magra do que eu sou hoje, mas se eu tivesse lido essa merda

naquela época eu com certeza tinha tentado suicídio. Não tinha muita gente como você @alexandrismos que tinha coragem de levar tapa e se erguer e mostrar pra todo mundo o quanto você é maravilhosa, o quanto eu sou maravilhosa e o quanto todos nós somos incríveis. Eu tive que dar a volta por cima sozinha e hoje eu vejo você e todas essas mulheres incríveis falando e lutando contra gordofobia e fico muito feliz porque se eu tivesse pessoas assim pra me espelhar naquela época, eu não teria sofrido tanto. O texto é um problema pra quem não tem toda a segurança, confiança, amor próprio que a gente tem hoje, mas é bom que tenha pessoas como você pra colocar a gente de pé. É um assunto que não pode ser calado. Ta tudo bem em ser gorda, ninguém tem que se matar por isso. Eu imagino a quantidade de ataques horríveis que você sofreu e como você sempre tá levantando a gente, eu quero me oferecer pra te levantar também quando ficar mal. Força, eu sei que por mais forte, sempre atinge de alguma forma negativa e por isso precisamos nos unir pra que tudo fique bem. Conte comigo e obrigada por ser um exemplo de força e confiança (Seguidora Alexandra).

Observa-se que as seguidoras têm em Alexandra alguém que auxilia a sair dos momentos de crise, uma luz em meio aos desafios, um local para acalmar seus pensamentos.

Xanda, pedi tanto pra morrer hj e vc vem com esse relato incrível, não tem como não chorar! Vc toca a vida das pessoas numa dimensão sem tamanho, vc é luz mesmo em meio aos seus desafios, uma linda!(Seguidora Alexandra).

Você é um exemplo pra mim. sempre que tenho pensamentos suicidas vejo um vídeo seu e me acalmo. obrigada por ser quem você é. és deveras linda. (Seguidora Alexandra).

Quando tem vídeo? Preciso de uma dose forte de Xanda!.....Brincadeiras a parte, hj me lembrei de tudo que vc disse, sofri uma ameaça e comentários gordofobicos e acho que só não me entupi de rivotril pq lembrei das suas

palavras... hj já consigo ser mais forte que ontem! Volta, Xanda (Seguidora Alexandra).

Apesar da Mariana Xavier abordar o tema sobre suicídio e reforçar a importância de falar sobre o assunto, lembrando campanha do setembro amarelo (mês de prevenção do suicídio). Esta categoria, onde as pessoas expunham seus momentos de desespero, tristeza ou tentativas de suicídio decorreram apenas no perfil de Alexandra, demonstra que a empatia e sentir-se acolhido favorece expor seus ideais suicidas. Reconhecer estes aspectos podem ser fatores de tratamento e prevenção.

O sofrimento está presente nas falas, mas como trazem Poli Neto e Caponi (2007), este sofrimento é produzido e pouco se discute que ele não surge “naturalmente”, é decorrente de um padrão de beleza hegemônico e perfeito, estruturado no processo de saúde-doença ou normal-patológico. Este processo transforma o feio, a ruga em doenças e sua cura ocorre através de intervenções, cirurgias, restabelecendo a saúde, que envolve o bem-estar físico, psíquico e social.

Para Sibilia (2004), esta obsessão por um corpo perfeito e ideal produz sofrimento e é intensificado pela era digital e mídias, que permitem a construção de corpos perfeitos por meio de retoques digitais, estes corpos são desejados no mundo real. O investimento pela melhor performance do corpo busca vencer no mercado das aparências, eficiência que tem como principal alvo o corpo feminino.

Neste contexto, no âmbito da saúde, compreender como o outro se constitui, ter sensibilidade de observar seus sentimentos e sofrimentos é importante ao profissional de saúde para compreender os padrões de comportamento que constituem os componentes da vida do indivíduo. Como visto até aqui, muitos momentos críticos são relatados no âmbito *online*, estabelecendo uma forma de comunicação e expressão de sentimentos que passa despercebida no *offline*. É interessante perceber a permeabilidade da vida *online* e *offline* e quanto ela é importante para o profissional estabelecer seu cuidado.

5.3.5 CORPO

Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me

e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta.
ANDRADE (2015).

Neste item, abordarei temas presentes nas postagens, que embora alguns não sejam numericamente importantes, revelam a centralidade que o corpo se apresenta.

Para Rodrigues (2005, p. 178) um corpo é “objeto de intervenções rituais que culturalizam o biológico, ao mesmo tempo que biologizam e muitas vezes visceralizam o cultural”.

Por fim, voltaremos nossa reflexão a categoria denominada “Corpo”, que busca compreender a sua construção perante as seguidoras. Foi a mais citada e densa das categorias, demonstrando seu papel como constituinte dos símbolos e relações que se estabelecem na sociedade.

Iniciamos com os discursos que demonstram os movimentos das seguidoras dos perfis que buscam a aceitação de seus corpos.

I. Aceitação do corpo

As responsáveis pelos perfis servem de inspiração para as seguidoras destes perfis na aceitação de seus corpos, aceitar partes que não gostam tanto. As seguidoras sentem-se lindas, gostosas, amam seus corpos e suas dobras.

Super me identifiquei. Tenho melasma, sou baixinha, estou a cima do peso. E dai, o que é que tem. Eu me amo assim mesmo. Mas óbvio que tem partes do meu corpo que não gosto. Mas também não deixo de curtir a vida por conta disso. (Seguidora Mariana).

Me aceitei, aceitei meu corpo quando comecei a ver seus vídeos, você me inspira a ser cada dia mais eu, cada dia amar mais meu corpo. Obrigada (Seguidora Alexandra).

Eu sou gorda de 90kg braços grandes pernas e barriga rosto redondo. Extremamente linda de rosto de corpo e alma. Me vejo no espelho e falo noooooossa to gostosa hem. Olho os artistas gordos e acho maravilhoso

imponderados mostrando q não somos apenas um corpo somos pessoas de alma e sentimentos, inteligentes, médicos, artistas, donas de casas, pessoas assim como ela, essa Cassia, tem uma vida ruim, são medíocres, almas podres! (Seguidora Renata).

eu queria falar da Katherine de agora que AMA cada mínimo detalhe de seu corpo, principalmente da parte psicológica, que não se deixa levar por qualquer opinião destrutiva, que realmente não liga. Hoje eu AMO mais ainda a menina que sorri pq é feliz por dentro e incrível por fora. Te assistir só alimenta mais ainda esse amor por mim. Que o mundo se encha de mais pessoas como ti. E que todos se amem por dentro para que reflita pra fora ♡☐ (Seguidora Alexandra).

Estar entre pares favorece este processo de aceitação, empoderamento diante dos padrões de beleza. Discutem sobre os padrões de beleza e o quanto são inatingíveis, no entanto, aparentam justificar a aceitação de seu corpo diante de uma não conformidade das normas atuais que exercidas sobre o corpo.

II. Perfeição do corpo - construção social

Algumas seguidoras trazem discussões que a sociedade e a indústria da moda são responsáveis pelos padrões de corpos perfeitos.

MULHERÃO! Tenho certeza que cada dia você ajudar mais pessoas a se amarem, a se acharem bonitxs do jeito que elxs são. A entender que o padrão impostos pela sociedade e pela indústria da moda é inatingível. Todos os corpos são lindos, só falta nós enxergamos isso! Obrigada Xanda, você é linda por dentro e por fora. ♡☐ (Seguidora Alexandra).

adoreiiii!!!! Realmente as pessoas não se aceitam do jeito que são e sempre estão em busca do corpo perfeito e aonde se frustam pq não conseguem satisfazer o padrão de perfeição impostos por ela e pela sociedade!!! (Seguidora Alexandra).

Citam que na busca por corpos perfeitos se maltratavam de diversas formas para se adequarem aos “padrões” da sociedade.

SEMPRE acreditei no Corpo perfeito, sempre me maltratando e deixando de fazer muitas coisas porque precisava ser como aquela referência Que referência????.... Hoje sei que eu sou a minha referência, que não preciso ser ou ter ... tenho que ser eu mesma ... Linda.. (Seguidora Alexandra).

exatamente isssooo!!!! É uma busca incessante. Cansa. Desgasta. Temos que nos amar pelo que somossss, não existe padrão. Não tem como existir (Seguidora Alexandra).

Os padrões sociais influenciam nos pensamentos e trazem insegurança quando não há adequação destes padrões, como relatado a seguir:

Insegurança faz parte da vida de todos devido aos rótulos q a sociedade opõe, mas a partir do momento em q fazemos diferente e quebramos esses paradigmas a esperança para a evolução da sociedade só aumenta. Obg por ser essa diva, mostrando a todos q ser diferente é FODA DEMAAAAAIS (Seguidora Alexandra).

Parabéns pra mulher que abre cada vez mais meus olhos, que aos poucos me faz libertar desses pensamentos que a sociedade impõe, que me faz enxergar, mesmo que aos poucos, que eu não preciso ser o que eu não sou pra agradar e ser aceita.. Felicidades linda ♥ (Seguidora Alexandra).

Possuem uma referência que os sentimentos e desejos em torno do corpo são frutos de uma sociedade e da indústria da moda. Observamos que estas discussões não são unânimes, o fato de ser gordo ou não, o rompimento com estes padrões “quebramos esses paradigmas” recaem na perspectiva individual de escolha, quase não há questionamentos referentes aos padrões estéticos sociais e coletivos.

III. É uma opção de escolha?

Muitos discursos, apesar de não aceitarem o preconceito em relação a ser uma pessoa gorda, afirmam que ser gordo é uma decisão pessoal, que o gordo pode decidir entre ser gordo ou magro.

Estou vendo aqui uns comentários preconceituosos isso é Ridículo o q q tem ser gorda ngm é obgd a ser magra/ magro por causa da sociedade fora a o bullyng, gente se enxerga o corpo n define ngm, a decisão é da pessoa ela se decide ser magra, gorda. (Seguidora Mariana).

Neste comentário a seguidora fala que pode emagrecer caso sinta necessidade, mas quem é feio não tem como mudar este fato. Ressaltando a importância da beleza como definidora do indivíduo.

Ser gorda e bem resolvida com o próprio corpo incomoda muitaaa gente! Nós somos gordas, e ja causamos esse auê, imagina se fôssemos magras?! Nós podemos emagrecer, se em algum momento a gente se sentir desconfortável com o nosso corpo... Já ela... é feia... pra mudar essa situação, não há muito o que fazer (Seguidora Renata).

Tô chorando com a Matéria do MBL..Putá de pariu ,força @alexandrismos.Como se eles estivessem preocupados as pessoas obesas,ou com as que estão no SUS.QUE RAIVA ,esse tipo de gente são os primeiros a zoar uma pessoa gorda!!!!!! Eu sofri muito nas mãos desse tipo de gente...Tem que se aceitar sim,ninguém tem que se deprimir por dentro por se achar feio por ser gordo ou ter vontade de se matar.Quem é gordo,não é gordo apaenas pq quer...E quem quiser mudar, vai mudar...Mas amando a si mesmo e n se odiando por ser gordo. Que ódiooooooooooooo eu tenho desse povo.ÓDIO!!!!!! (Seguidora Alexandra).

No relato a seguir a seguidora afirma que Alexandra não se sente bem com seu corpo e se ela conseguiu emagrecer Alexandra também emagreceria, inclusive todos conseguiriam emagrecer.

Alexandra, desculpe, mas acho que você não se sente bem sendo gorda. Estou falando isso porque se você fosse realmente feliz com seu corpo, não ia nem ligar para esses caras. Olha, eu conseguir emagrecer sem dieta, com com caminhada. Sei que cada pessoa é diferente, mas acho que todo mundo consegue emagrecer. Beijos. Sucesso. (Seguidora Alexandra).

Entender que a forma física é uma questão de escolha reforça estigmas sobre o gordo. Que sua condição é reflexo de descuido, preguiça e falha moral diante da possibilidade de escolha entre tantas dietas, exercícios e cirurgias. Não é admissível escolher o “feio”. Escolhas individuais descontextualizam, tiram da história, da cultura, da economia...

Se está em meu poder escolher a minha forma física, caso não apresente a sociedade o que se espera, neste caso um corpo magro, meu corpo torna-se público e alvo passível de ofensas.

IV. Vitupério do/ao corpo

O corpo gordo é visto como algo desprezível, um perigo à sociedade, inadequado e sem beleza. O comentário abaixo refere-se ao encontro de mulheres gordas para o ensaio de samba.

Jesus pensa num engenheiro desse lugar num ta suando frio. (Seguidor Mariana).

Quando exposto um corpo gordo ele é passível de xingamentos, sugerem que seja algo vergonhoso e descuidado em relação a sua alimentação.

Olha esse hipopótamo....nego não tem simancol (Seguidor Mariana).

Da pra fazer um Shopping com esa sua gordura kkkkkkk (Seguidora Mariana).

É gostar de receber chacota.. credo, vai lá pedir uma pizza e comer todos os pedaços sozinha vai (Seguidora Mariana).

Na experiência vivida em um corpo gordo, relatam que comentários pejorativos machucam e as deixam tristes. Assim como o sucesso amoroso está atrelado a forma física, pois são lembradas que são feias, gordas e que nunca irão namorar.

Você está me expirando muito, sofro Bullying e isso mexe muito comigo e cada vez mais meu autoestima fica lá em baixo as vezes fico dias triste e tento me aceitar mas é difícil quando os elogios são que você é gorda feia ,baleia nunca vai namorar e isso me machuca muito sabe mas com você e outras moças estão me ajudando a enxerga que nós mesmos temos que nos aceitar como somos lindas e maravilhosas e não ligar para o que os outros pensam sobre nos.uM grande beijo te admiro Muito (Seguidora Alexandra). (Grifos da autora).

Surge um verdadeiro sentimento de aversão à gordura. Este sentimento segue em duas direções, a primeira na obsessão pela magreza e o medo de engordar. A segunda é o desprezo pelas pessoas pelo fato de serem gordas.

Meu, essas coisas machucam! Sei que não devemos nos importar com a opinião alheia, mas machuca! Isso me machucou a vida toda e ver que as pessoas tem raiva só pelo fato de vc ser gordo e tentar se aceitar me deixam mto triste! Que droga de sociedade (Seguidora Renata).

Acabei de ver seu último vídeo! E não para de chorar, pois em remeteu a tudo que passei, gordofobia não é vitimismo, não é frescura! O que faz as pessoas acharem que podem desrespeitar a gente!? Eu cresci me odiando, tentando mudar, achando que eu só seria feliz depois de emagrecer, e essa "felicidade" nunca

chegava, eu só deixei de ser gordofóbica depois de conheci vc! Vc é um anjo, vc salvou a vida de mt gente! Vc merece tudo de bom! (Seguidora Alexandra). (Grifos da autora).

Esta seguidora refere nojo pela responsável do perfil, pois acredita que ninguém é feliz sendo gordo, que ela é relaxada e conformada. Diferente das pessoas que malham e buscam um corpo melhor. O corpo ideal é visto como uma conquista pessoal, através de esforço, dedicação e sacrifícios.

Nojo de você, sabe você é mentirosa ninguém gordo se sente bem, ser gordo é ter incomodo 24 hrs.. Você só tem merda na cabeça mimimi do caralho ninguém me ama pq eu sou gordo mas eu sou feliz, me aceite se eu não for seu tipo vc é gordofóbico as minas malhadas vc falou mal mas elas se orgulham muito mais do que vc com realidade elas lutaram pra ter aquele corpo, e vc é apenas relaxada e conformada. Apenas hipócrita (Seguidor Alexandra).

Um corpo que não obedece às regras de magreza e se estabelece gordo, passa a carregar um caráter profano, em simbologia semelhante ao destro e sinistro, sagrado e profano descritos por Rodrigues (2005). Magros e gordos estão em lados opostos, quando a magreza é idolatrada e a gordura temida.

Culturalmente o que não é bem visto precisa ser odiado, e nesta perspectiva surge o ódio e o desprezo pelos corpos. Este ódio não se estabelece somente de uma pessoa para com a outra, mas um ódio por si próprio.

Este sentimento é expresso de diversas formas, relacionando seu corpo a algo impuro, como o lixo ou ser fedida.

Oi Xanda... tenho 33 anos... as x me sinto uma criança ... tento o tempo todo me afirmar, me livrar do estigma de loca paniquenta ansiosa, tento o tempo todo dar orgulho a pessoas que um dia talvez tenha desiludido... vivo achando que um dia ... o dia maravilhoso vao chegar, dia do sucesso, da riqueza da alegria, da paz... Mas as vezes me desespero q penso que nao vou conseguir... me sinto fraca,

gorda, fedida um estorvo... Posso ouvir pessoas falando mal de mim pelas costas ai penso: pra eu existo? Quem eu agrado? Desculpe o desabafo... bj (Seguidora Alexandra).

Preciso urgente desse empoderamento!Engordei depois de uma doença e me sinto um LIXO!Te sigo e te adoro! (Seguidora Alexandra).

Eu por Exemplo detesto meu corpo! Já tentei o positivismo ou o amor a meu próprio corpo só que não vai!.....Já passei pela fase da Bulimia,problemas de ansiedade e por aí vai...Já tentei suicídio por não realmente não me aceitar e sei que lá dentro isso é frescura minha seu que tem pessoas no hospital e eu deveria ser grato pelo meu corpo e saúde...mas realmente é uma situação de altos e baixos. Te Admiro muito Alexandra ♡(Seguidora Alexandra). (Grifos da autora).

Por sentirem vergonha de seu corpo, ocultam o corpo não saindo de casa e desta forma também evitam olhares normativos. Mencionam que buscam cura para este ódio e uma das formas é o empoderamento. Levi- Strauss (1975) apresenta a vergonha como sentimento social por excelência, na relação que se estabelece entre as expectativas do grupo e a representação do individuo. O xamã envergonhado também se afasta de seu grupo.

Tá difícil de me aceitar viu! É cada olhar de reprovação que eu vejo do meu marido,que chega a me enfraquecer (Seguidora Mariana).

Sua linda e eu tenho imensa dificuldade em aceitar minhas marcas (me sinto horrível com elas) (Seguidora Mariana).

*Odeio meu corpo, estou em processo de cura, mas ainda não me aceito e odeio ele mesmo. Mas ontem fiz a loucurinha que vc falou: saí no carnaval de Salvador de top, quando levantava o braço , ele subia ao ponto de quase aparecer o sutiã. Liguei o f*da-se e me diverti (Seguidora Mariana).*

Ao referir o corpo como lixo, lembramos que o que denominamos como lixo parte de uma questão de cultura, nem sempre o que foi denominado como lixo hoje o é. Nossa percepção de lixo é que seja algo inútil, asqueroso e perigoso, que deve ser evitado, banido ou exterminado (RODRIGUES,1999).

Observou-se relatos referentes a vergonha em expor o corpo usando roupas que mostrem a pele. Por exemplo, uma seguidora que fala que sairia mais caso tivesse conhecido a Mariana antes de submeter a bariátrica. Tinha vergonha de si.

E eu aqui criando coragem para colocar minhas pernas cheias de manchas de machucados para curtir um solzinho... Tá linda (Seguidora Mariana).

Mariana eu admiro e gosto muito do seu trabalho, passei anos da minha vida obesa e sofri muito preconceito, por problemas de saúde e por não me aceitar, então eu resolvi fazer a bariátrica, consegui eliminar 40kg e minha saúde melhorou muito! Eu fico muito feliz por ver seu trabalho em incentivar as mulheres a de aceitarem como são, acho que eu deveria ter conhecido mais o seu trabalho quando eu era obesa, com certeza eu iria sair mais, me divertir mais e ter menos vergonha de mim!!! Um corpo é apenas um corpo, e o que temos de mais bonito vem de dentro ♡☐...Você é linda um arraso de mulher, parabéns! (Seguidora Mariana).

As que tem coragem de sair e expor seus corpos relatam que sofrem julgamento através de olhares, o que denominam de “julgamento silencioso”. Encontram na internet um local confortável para estar.

isso sempre acontece quando saio com roupas curtas e mostrando minha barriga, porque é inadmissível uma mulher gorda sair com a barriga a mostra, ser livre e não ter problemas com o próprio corpo. sair se sutiã, então? um deus nos acuda! É cada olhar, cada julgamento silencioso, as vezes nem tão silencioso assim, acompanhado de risos debochados... Eu me sinto tão confortável na internet, mas sair de casa e enfrentar a realidade é complicado, mas é aí que eu ergo a cabeça em posição de embate e sigo caminhando e posando pra foto SIM! Não é problema

meu se as pessoas se incomodam com uma gorda maravilhosa sendo livre consigo mesma. eu me recuso a abaixar a cabeça pra gordofobia, eu me recuso a ser invisível. obrigada por ser inspiração e falar justamente o que precisamos ouvir/ler (Seguidora Alexandra).

Infelizmente eu tenho vergonha de ser gorda essa semana tava na praia e vi as pessoas me olham diferente e ate algumas rindo me senti pior e com vergonha do meu marido apesar que ele me acha linda as pessoas ainda tem preconceito sim (Seguidora Mariana). (Grifos da autora).

O diálogo abaixo, refere-se a uma festa que Mariana foi e postou uma foto. Seguidoras questionaram o porque dela ter ido neste lugar, pois para elas é um lugar onde “gente feia” (leia-se preto e gordo) não entra.

jura q vc da moral pra uma balada q até esses dias proibia a entrada de "gente feia" (leia-se preto e gordo) no recinto? (Seguidora Mariana).

VillaMix não gosta de gente como a gente! Não faça isso! (Seguidora Mariana).

Ué, mas agora pode gordo no Villa Mix?! (Seguidora Mariana).

Relatam como um ato de “coragem” e “liberdade” mostrar o corpo e enfrentar a vergonha de mostrar a celulite ou as gordurinhas.

Gosto muito do canal,e com isso aprendi a me amar,domingo(04/03)fiz algo que nunca tive coragem,fui fazer uma caminhada acompanhando meu namorado e na minha cidade estava muito,mas muito calor e isso as 07h da manhã rsentão não me aguentei tirei a blusa e fiquei de bustie.... Foi a melhor coisa que eu fiz,muitas mulheres me olhava horrorizada....mas me senti tão liberta,pq antes eu me incomodava com as gordurinhas e ficava com vergonha.... E só consegui isso pq comecei a me aceitarObrigado (Seguidora Alexandra). (Grifos da autora).

Você é maravilhosa! Toda vez que assisto um vídeo seu, tento praticar o amor ao meu corpo, mais e mais. Você me deu forças pra ir á praia esse ano e tirar o short que NUNCA tirei da parte de baixo do biquíni, por ter vergonha das minhas celulites. Continue incentivando as garotas dessa forma. Obrigada por tudo ♡(Seguidora Alexandra).

Admiram a forma como as responsáveis pelos perfis sentem-se em relação ao próprio corpo, mas não conseguem se aceitar da mesma forma, gerando sofrimentos que impedem a socialização, como por exemplo, ao relatar que não consegue sair de casa porque é feia.

Tão linda, queria me sentir tão bem com meu corpo assim, ir a praia por um biquíni ou maio e me sentir linda, mais tem dias q não dá vontade nem de sair de casa de tão feia q me sinto (Seguidora Mariana).

É muito linda, e é feliz assim, parabéns por se aceitar, eu nunca consegui me sentir bem gordinha por isso fui á luta pra deixar meu corpo de uma maneira em que eu me sinta bem (Seguidora Mariana).

Estes sentimentos negativos frente ao um corpo gordo estão fortemente enraizados em nossa cultura ocidental. Observamos os estigmas, preconceitos e violências que o corpo gordo é submetido por não se adequar aos padrões sociais e culturais. Ele é passível de ódio e reclusão imposto pelas pessoas não gordas e pelo próprio gordo.

V. Moral do corpo - vamos compensar a gordura

A beleza do corpo é constantemente retomada ao caracterizar que um corpo bonito é um corpo feliz ou repleto de coisas boas por dentro.

Corpo bonito é o que tem a pessoa feliz dentro dele (Seguidora Mariana).

O corpo ideal é aquele que carrega uma alma cheia de coisas boas dentro de si!!!! (Seguidora Mariana).

Esta seguidora, refere que aceita seu corpo porque tem saúde, é ativa e não uma pessoa relaxada como todos pensavam.

*Parabéns Mariana pela atitude e quebra de paradigmas , sou Miss Plus Size aqui em Ribeirão e aceito meu corpo porque tenho saúde , sou ativa e não uma relaxada como todos pensavam , somos capazes de transformar a vida de outras pessoas por isso continue levando alegria e incentivo por onde for
♥☐ (Seguidora Mariana).*

Encontramos também falas que conotam uma explicação do porque da beleza do gordo, como uma espécie de justificativa ou compensação física ao relatar que não adianta ser magra e ter cara feia. Tanto quanto moral falando de caráter e humildade. Ou compensando através de amor para doar, alegria e uma boa convivência.

More aí eu com esse seu rosto maravilhoso! Como dizem por aí, b adianta ter corpo de Barbie com rosto de Anabelle! A senhora pisa more, Mtoooo linda REAL e OFICIAL ♥♥♥♥♥♥♥♥ (Seguidora Mariana).

Linda do jeito que é!!!!as gordinhas são as que têm mais amor no coração (Seguidora Mariana).

Não me importa o exterior da embalagem, o que importa é o conteúdo!....A embalagem assim como o exterior da pessoa, é descartavel, o exterior da pessoa, com o tempo muda ou como a embalagem de um produto, é descartada, agora o que aproveitamos é seu conteúdo! (Seguidora Mariana).

O seu valor não está nos números emotidos na balança, mas sim em seu caráter, humildade e no seu amor próprio. Linda, você é top. (Seguidora Mariana).

Vc e linda!!!!!! Seu sorriso, sua espontaneidade, seu carisma, não tem barriga chapada que supere isso (Seguidora Mariana).

Percebe-se o “dever de compensação” do gordo, de qualquer forma os padrões sociais e culturais não são discutidos, apenas compensados. Esta compensação pode vir de diferentes formas, gordo precisa ser divertido, alegre, bem-humorado, educado. Pode ser gordo, mas precisa ter um coração bom, caráter, boa saúde.

VI. Tipos de corpos

Surgiram os tipos de corpos aptos para frequentar determinado local, vestir determinada roupa ou exercer determinada atividade. Romper com estas regras possibilitou que frequentassem a praia e vestissem biquínis.

Esses dias eu fui para a praia e você que me ajudou fiquei de biquíni na toraa tava nem Aii para os outros (Seguidora Mariana).

Nossa, que maravilha, estou super feliz com essa pastagem, pois eu amo carnaval e amo dançar, mas as notícias que saem sobre essa data é só sobre como perder 30 kg até o carnaval ou como é o regime seca barriga que a famosa tal está fazendo para o carnaval (Seguidora Mariana).

Arrasou Xanda... Mãe esses dias fez a maior guerra comigo pq usei biquine na praia, pq nem as meninas que diz ela " Bem feitas de corpo" as vezes usam e eu tenho a cara e a coragem de usar. Falei pra ela , quem disse que eu não sou bem feita de corpo como disse a senhora. Cara, sou tão bem comigo mesma que meu corpo simplesmente amo. O número da minha roupa não significa nada pra mim (Seguidora Alexandra).

Como ter um corpo pra dançar???? " Tenha um corpo! Dance!! " :) (Seguidora Mariana).

Na mesma ideia de tipos de corpos surge o corpo para o homem, para satisfazer o desejo do homem.

Homem gosta de mulher assim...alto astral,animada,linda em todos os sentidos,decidida e que dança muuuito!!! (Seguidora Mariana).

Somos felizes com nossos corpos e nada muda nisso a não ser que venha a Idéia do povo de querer por na nossa cabeça que magreza e hiper normal haaaa menos tem muito homem que gosta de carne ...(Seguidora Mariana).

Demonstra a inferioridade que o gênero feminino é posto em relação ao masculino, onde é preciso atender as necessidades do homem, servindo de carne. Ou desfazendo de seu jeito de pensar e agir para ser agradável, bem-humorada e animada.

VII. Lado do corpo

Algumas postagens determinaram categorias, como a da Alexandra que fala do ângulo certo para tirar uma foto perfeita e que por muito tempo odiava o outro lado (<https://www.instagram.com/p/BfJ967rhgoS/?taken-by=alexandrisomos>). Desta forma, muitas seguidoras apresentaram relatos com os mesmos sentimentos em relação ao lado certo do corpo.

XANDA eu tinha isso também, na verdade ainda estou trabalhando nisso. O meu lado bom é o esquerdo também, quando tiro fotos em que o outro lado aparece eu acho MUITO esquisito. Mas muitas vezes ninguém liga pra isso, exceto nós mesmos. TU TÁ LINDA XANDA (Seguidora Alexandra).

Outro dia tambem fui tirar foto do meu lado direito (que não é o "fotogênico") e fiquei chocada por não me reconhecer, eu odiava muito e agora to aprendendo a gostar! (Seguidora Alexandra).

Citam motivos para não aceitar um lado específico de seu corpo, como rosto torto e assimétrico ou dentes separados. Sentem-se ridículas, estranhas e apagam as fotos por não se sentirem bonitas. Um lado do corpo é odiado.

Também sou tipo assim, sempre acho meu rosto torto, assimétrico, e que meu lado esquerdo do rosto é mais bonito que o direito, até porque é um pouco mais "reto" sabe, e o outro lado mais redondo, e então sempre que viro a cara pra foto é pro lado esquerdo, porque daí o contorno do rosto que fica é o mais reto, e tenho a neura que o meu outro lado é horrível e que era bem melhor se fosse igual ao lado esquerdo, mais reto ;-;, só pra dizer que não estão sozinhas, já somos 3 (Seguidora Alexandra).

Eu tbm sofro com isso do ângulo perfeito, tiro apenas fotos com o lado esquerdo do rosto, quando tiro fotos com o outro lado, acho ridícula, estranha e apago, nunca me acho bonita em fotos com o lado direito do rosto, e como você disse, acabo passando a odiar esse meu lado do rosto, espero um dia deixar isso de lado como você, e aprender a gostar de qualquer lado do rosto, não importa ♥c(Seguidora Alexandra).

Algumas seguidoras referem ainda não ter uma completa aceitação, mas que estão em busca desta aceitação. As postagens e palavras de Alexandra auxiliam a pensar sobre o assunto, a reconhecer que estes sentimentos não são individuais.

Tb tenho essa pira com um lado, só tiro foto do lado direito. Achei que era doideira da minha cabeça, mas um monte de gente nos comentários tb tem isso, medo. (Seguidora Alexandra).

Eu amei o que você disse e ainda estou assim no momento de tenta se aceitar também não gosto de tirar fotos em alguns ângulos ou de me olhar no espelho ,mais você tem me ajudado muito com os seus vídeos maravilhosos e palavras

lindas que dão força ,hoje consegue me sentir bonita mesmo estando em um corpo fora dos padrões obrigada ♥(Seguidora Alexandra).

Esse corpo que nos ensinaram que é o nosso fracasso, taí sociedade: ele é apenas um corpo! E só! Não vou dizer que ele é o teu sucesso porque o teu sucesso são as tuas ideias, as tuas ações, a grande mulher que vc é, lúcida, pegando o próprio destino nas mãos e vivendo a vida. Não precisamos do aval de ninguém pra nossa aparência, precisamos sair dessa prisão mental da beleza e de que os outros nos aceitem e deem respaldo à nossa magreza, à nossa gordura, à nossa juventude, à nossa velhice... ainda q este seja um caminho duro, pois fomos moldadas nessa caixinha. Não quero mais me limitar. Meu mantra nos últimos anos é: não quero ser linda, quero ser livre! (Seguidora Alexandra).

O aprisionamento do corpo nos padrões de beleza, desencadeia sofrimentos, uma busca constante em mostrar o seu melhor lado. Sentimentos como “ódio, zuada, doidera, prisão” provocados pela necessidade imposta de um corpo perfeito e inatingível. Percebe-se poucos questionamentos referentes a origem e consequência destes conceitos de “beleza” nas questões de saúde física e psíquica.

VIII. “Não é sobre ser gordo, é sobre ter um corpo...”

Percebe-se que estes sentimentos em relação ao corpo, não se limitam aos corpos gordos. São frutos de uma construção social e pressão estética que invade todos os corpos, com um frequência e intensidade maior sobre a mulher.

vc é realmente a definição de mulherão da porra. Vi hoje um vídeo seu falando sobre gordofobia e caramba bateu uma vontade de chorar, imaginar quantas pessoas passam por isso todos os dias. Você em um único vídeo me ajudou, eu não aceito meu corpo, não aceito as marquinhas, as estrias, as celulites, a gordura, o quadril, tudo. Não tenho um corpo magro nem gordo, vivem me dizendo que está bom como realmente está, mas eu não me encontro. É tão ruim vestir o shortinho da modelo coreana e perceber que vc nunca vai ter aquele peso e aquela altura.

Eu não tenho palavras pra descrever a influência que vc tem. Parabéns de vdd do fundo do meu coração, desejo tudo de bom pra vc ♥♥(Seguidora Alexandra).

Obrigada de verdade por produzir este tipo de conteúdo!!! Eu não sofro gordofobia, sou magra e sempre fui, tive e ainda tenho vários complexos em relação ao corpo (tenho plena ciência de que a pressão estética nos atinge em níveis diferentes) e mesmo assim você foi uma das pessoas que auxilia muito no meu processo. Sempre que possível te indico!!! Gratidão e força (Seguidora Alexandra).

Aceitar-se não é uma questão referente a forma de seu corpo, seguidoras trazem que estavam insatisfeitas mesmo estando mais magras. Algumas se sentem lindas com o corpo que tem e outras não se aceitam.

Já tive no peso ideal me sentindo insatisfeita e hj me sinto linda mesmo com 18 kg à mais ! Amor próprio é tudo (Seguidora Alexandra).

É verdade. Qdo eu tinha 40 kg a menos q tenho hj me achava gorda e chorava por estar fora dos padrões. Sofria bullying constante na escola e uma pressão absurda dentro de casa. Hj vejo minhas fotos da época e penso que essa sociedade é criminosa e doente. (Seguidora Alexandra). (Grifos da autora).

Ter um corpo e se sentir insatisfeita foi descrito como uma doença por uma perfeição, são criticados pelos amigos nesta busca pelo corpo perfeito e tem pavor em engordar.

maravilhosa ela!! Sofro alguns anos dessa doença né amiga mas eu estou me cuidando e me curando obrigada sempre por estar do meu lado!! Te amo!! (Seguidora Alexandra).

Já fui gordo, sou traumatizado com meu corpo até hoje pelo tanto de merdas que ouvi quando adolescente, faço dietas mil, sofro na academia, meus amigos me

criticam do tanto que sou bitolado com essa ideia do corpo perfeito, meu corpo é uma das principais pautas das minhas consultas no psicanalista... enfim... gordofobia não é piada MESMO! Vídeo compartilhado e obrigado, foi bom ouvir isso pouco antes de 2018 começar pra eu poder refletir sobre esse assunto que tanto me incomoda até hoje! (Seguidor Alexandra).

Acompanhar pessoas que aceitam seus corpos e mostram o que é considerado defeito pela atual sociedade permitem que sirvam de inspiração para outras pessoas. Auxilia a entender sobre padrões, na confiança e no amor próprio.

Oie Xanda! Eu acompanho você a uns dois meses. Eu queria dizer que os seus vídeos não atingem só quem sofre gordofobia, são impactantes também pra quem acha que tem as costas muito largas, os peitos muito pequenos, etc... é incrível como a gente se vê com os olhos dos outros as vezes, mas VOCÊ tem um dom que abrir nossos olhos, e enxergar que estamos sob a medida perfeita, e principalmente, essa medida é fora de qualquer padrão, sou eternamente grata por ter começado a te acompanhar, você é foda mulher e nos emana muita alegria e confiança, não canso de dizer, tu é minha musa! (Seguidora Alexandra).

Sou magra e tenho algumas inseguranças sobre o meu corpo, mas os seus vídeos e suas fotos no Instagram me deixam tão confiante!! (Seguidora Alexandra).
(Grifos da autora).

Alexandra , comecei a ver o seu canal no youtube já tem um tempo e nossa , serio, como vc tem me ajudado . Ultimamente é tão dificil pra mim olhar no espelho e me sentir linda . Me sinto mal pelo meu corpo , mesmo estando até dentro do padrao. Vendo aquele tur pelo seu corpo eu estou tentando gostar do que vejo no espelho sabe ? E nao é só a questao fisica , olho pra vc e percebo que problemas que eu tenho com relacao a algum erro meu sao normais e tudo sabe ? Nem sei se isso vai chegar até vc , nao sei o porque de vc fazer esses videos tao inspiradoras , mais muito obrigada por me ajudar mesmo de longe , mesmo nao estando ai do

seu lado ouvindo tudo que vc diz . Você me inspira a me amar , a amar as outras manas . Você é demais , beijo daqui de bh . ♥(Seguidora Alexandra).

Observa-se que a busca pelo corpo perfeito e as consequências de não o ter surgem em adolescentes. As mães utilizam as responsáveis pelos perfis como exemplos para falar sobre o assunto e ferramenta para empoderar suas filhas.

Oi Xanda linda! vim aqui pra agradecer o bem que teus vídeos estão fazendo para minha filha de 13 anos! Ela tava na neura de perder peso só bebendo água, fiquei atazanando mandando todos os seus vídeos! Hoje ela é inscrita no teu canal! Esta fazendo a maratona do amor próprio! Obrigada Xanda tu é maravilhosa! (Seguidora Alexandra).

Estou usando seus vídeos nas conversas com minha filha de 11 anos que já demonstra insatisfação com seu corpo e olha... ela já tá vendo espontaneamente até sem mim hahaha... valeu Xanda por ser minha parceira nessa causa aqui em casa. Beijos sua maravilhosa! ♥(Seguidora Alexandra).

De forma semelhante trazem a questão de felicidade relacionada ao corpo, que um corpo magro poderia proporcionar benefícios como encontrar roupas para vestir. Ou a dificuldade que encontram das outras pessoas ao imaginar um gordo sendo feliz.

Procurar roupa e não achar a minha numeração, e o pensamento de que se eu emagrecer eu vou ser mais feliz. (Seguidora Alexandra).(Grifo da autora).

É muito difícil para uma mulher que está dentro dos "padrões", e se esforça muito para tanto, perceber que a felicidade plena e exclusiva, como lhe é prometida, na verdade é pura ilusão. O que incomoda, não é nossa saúde e bem estar, ou a falta de. O que incomoda é saber que mulheres como nós tem a auto estima elevada, são respeitadas e muito bem amadas por homens maravilhosos!!! (Seguidora Renata).

Sem palavras pro seu vídeo! Parabéns pela luta, pela coragem e pelo incentivo à todo mundo que espera emagrecer pra começar a viver! E por explicar que se aceitar não é amar tudo em você, mas conviver bem com o que te incomoda porque paciência, nem tudo é perfeito e do jeito como queremos! □□□(Seguidora Alexandra).

É que muitas pessoas como ela magras até bonitas são infelizes , e acham que nós mais cheinhas(gordinhas), temos que ser infelizes como elas, aconteceu comigo , uma pessoa que trabalhou comigo era magra vivia na academia não se conformava como eu já estava casada e ela não! Então eu disse meu marido apaixonou pelo meu conteúdo e não pelo meu corpo! Sou feliz como sou , não sigo padrão de beleza pois cada uma tem a sua ! (Seguidora Renata).

Convicções sobre um padrão de corpo bem-sucedido e que é hegemônico estabelecem representações sociais de saúde, beleza, sucesso e aceitação social. Não alcançar a perfeição esperada produz sentimentos de infelicidade, insatisfação e sofrimentos com a própria identidade, que não é reconhecida (MISKOLCI, 2006).

A idealização da beleza corporal como sinônimo de sucesso e felicidade permite regras cada vez mais rígidas no controle deste corpo, desta forma, surge novos tipos de condenação moral, que envolvem repreensão aos que não conseguem se enquadrar nesse padrão (SIBILIA, 2004).

Para obter este corpo perfeito, todas as formas são utilizadas, dietas duvidosas, anabolizantes, cirurgias estéticas, aumentam os casos de transtornos como bulimia, anorexia (MISKOLCI, 2006; POLI NETO e CAPONI, 2007; BRANDINI, 2009; SIBILIA, 2004), com o intuito de obter saúde, juventude e beleza “qualidade de vida”, adequação e aceitação social numa espécie de assujeitamento psíquico-corporal (MISKOLCI, 2006).

Neste difícil contexto, o corpo da mulher é sujeitado a estas normativas, e sobretudo submetido para um outro a quem deve agradar. Diferentemente do homem que responde as normativas para atender suas necessidades e ao domínio do outro. O corpo e seu processo de construção responde as representações sociais sobre o feminino e o masculino (MISKOLCI, 2006).

O corpo como centro das discussões de identidade do sujeito, materializa o que se pensa na relação dentro e fora, mesmo e outro e até a velha oposição corpo e alma (MISKOLCI, 2006).

Problematizar sobre suas repercussões proporcionar questionar os malefícios e imposições que este modelo estabelece na sociedade e suas implicações no âmbito da saúde.

6 CONCLUSÃO

Através deste trabalho percebemos que fatores culturais e sociais desempenham um forte papel na constituição de como os corpos são vistos, analisados e sentidos. Estes aspectos são percebidos quando o gordo que é criticado, perseguido, torturado, sofre preconceitos e estigmas pela sua condição de ser gordo. Estes aspectos culturais e sociais não se dissociam do próprio gordo que sofre estes preconceitos e estigmas, mas é reproduzido por ele sobre seu corpo gordo e sobre os demais gordos com sentimentos de ódio, vergonha e rejeição, atitudes que legitimam os conceitos sobre o gordo.

É importante reconhecer a potência da internet estabelecendo novas formas de comunicação e sociabilidade. Influencia na vida e na saúde das pessoas. Apesar da internet não estar ao alcance de toda a população, a saúde não pode menosprezar sua influência positiva ou negativa no indivíduo. A vida conectada permite a interação social com diferentes núcleos sociais, estas trocas formam um ser com diferentes influências e subjetividades dos quais ele está inserido fisicamente. Estas interações permitem novas discussões sobre assuntos “naturalizados” como corpos gordos e sua aceitação, corpos específicos como os “corpos de praia”, “os que podem ser felizes”.

Para as pessoas gordas estes perfis são espaços de protagonismos diante dos desafios, onde estão com seus pares, são influenciados positivamente a aceitar o corpo, diminuir o ódio, encontram inspiração de roupa (o que vestir e onde comprar) desabafos e acolhimento de seus sofrimentos, estigmas, preconceitos vividos. Algumas relatam que este é o único espaço que se sentem bem.

Este movimento que ocorre não tem características políticas, se considerarmos a política como agenda de projetos e discussões, o movimento é ainda um processo inicial com intuito de reconhecimento e aceitação de si, que podem influenciar os outros. Possui

aspectos midiáticos e performáticos, com presença de patrocinadores e consumo da imagem.

Neste trabalho o corpo se apresentou com o papel central e com sua pluralidade de perspectivas sobre o que é socialmente um corpo gordo. Enfrentar e discutir estes padrões geram estranhamentos da sociedade que possui as normas de beleza, comportamento e saúde enraizadas.

A invasão no corpo gordo com intuitos diversos, seja para situar o gordo em seu local, seja com intuito de preservar sua saúde, remete as influencias sociais e culturais de uma gestação, todos se sentem no direito de opinar, aconselhar, criticar ou julgar ocorre assim, a “gestação de um corpo gordo” que remete a saúde moral. Este julgamento moral da gordura reforça a necessidade das discussões sobre as construções sociais impostas sobre o corpo gordo, tanto pela sociedade em geral como por profissionais da saúde.

As discussões referentes aos padrões de beleza acontecerem timidamente, há uma necessidade da beleza como norma da aceitação e possibilidade de socialização “saudável”. Caso esta beleza não seja física, pode ser moral, ética ou mesmo beleza interior. Estes padrões normativos recaem em potencialidade sobre o feminino.

Os padrões de beleza foram discutidos diante de sua rigidez, que apresenta o gordo em oposição do belo/saudável, no entanto não houve discussão sobre o conceito de obeso como conceito biomédico, construído socialmente e culturalmente.

Os profissionais de saúde precisam discutir e compreender que as influencias sociais e culturais são fatores importantes e indissociáveis da constituição do individuo e o cuidado com sua saúde, através desta compreensão podemos obter uma consolidação do cuidado e programas e políticas de saúde mais eficazes.

Embora este trabalho tenha lançado ideias iniciais para discussão de práticas clínicas e de saúde pública para a atenção e cuidado com a pessoa gorda, suas perspectivas, seus sofrimentos e sua constituição como indivíduo. Lacunas importantes nessa literatura, como formação dos profissionais, atenção e cuidado dos profissionais, hegemonia da biomedicina, precisam ser abordados de forma mais completa.

Assim, pretende-se também contribuir para que profissionais de saúde possam compreender as experiências e sofrimentos das pessoas gordas de forma mais próxima do contexto sociocultural em que vivem.

7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Angela; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Rev. Nutr.** vol.16, n.1, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. **As contradições do corpo** (in *Corpo/ Carlos Drummond de Andrade; posfácio Maria Esther Maciel*) — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E DA SÍNDROME METABÓLICA DIRETRIZES BRASILEIRAS DE OBESIDADE 2016 / ABESO - **Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica.** – 4.ed. - São Paulo, SP, 2016.

BARROS, Octávia Cristina; SERPA JUNIOR, Octavio Dumont de. Ouvir vozes: um estudo sobre troca de experiências em ambiente virtual. **Interface.** Botucatu. vol.18, n.50, pp. 557-569, 2014.

BATISTELLA, Carlos. Abordagens Contemporâneas do Conceito de Saúde. In: Fonseca AF, Corbo AD, organizadores. **O território e o processo saúde-doença.** Rio de Janeiro: EPSJV, Fiocruz; 2007.

BELELI, Iara; MISKOLCI, Richard. Apresentação (dossiê Percursos digitais, corpos, desejos, visibilidades). **Cadernos Pagu**, n. 44, p. 7-11, 2015.

BELLAFANTE, Gina “Plus-Size Wars,” **New York Times**, July 28, Acesso: <http://www.nytimes.com/2010/08/01/magazine/01plussize-t.html?pagewanted=all>.2010.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. **Ciênc. Saúde coletiva.** Vol.17, n.3, p. 575-586, 2012.

BRAGA, Adriana. Uso e consumo de meios digitais entre participantes de Weblog: uma proposta metodológica. **Trabalho apresentado no grupo de trabalho Recepção, usos e consumo midiático do XVI Encontro da Compós.** Curitiba, 2007. Disponível em: www.compos.org.br. Acesso em 10 agosto 2017.

BRANDINI, Valéria. Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: O corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Vigitel Brasil 2016:** vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico : estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2016 – Brasília: Ministério da Saúde, 2017

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BRITTO, Rafaella. **A controvérsia história da moda *plus size***. Junho, 2017. Acesso: <http://www.imperioetro.com/2017/06/a-controversa-historia-da-moda-plus-size.html>. 2017.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. A biomedicina. **Physis**, Rio de Janeiro, v.15, supl.p.177-201, 2005.

CARDOSO, Roberto de Oliveira. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, Vol. 39, n.1, 1996.

CASTONGUAY, Andree L. et al. Body - related pride in young adults: An exploration of the triggers, contexts, outcomes and attributions. **Body Image**, v. 10, n. 3, p. 335-343, 2013.

CHAUVENETT, Antoinette. "Law and the body." **Physis: Revista de Saúde Coletiva** 15:17-56. 2005.

CZERNIAWSKI, Amanda M. Disciplining corpulence: The case of plus-size fashion models. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 41, n. 2, p. 127-153, 2012.

DENZIN, Norman K, LINCOLN, Yvonna S. O planejamento da Pesquisa Qualitativa. **Teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed. p15-42, 2006.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. "Doença, sofrimento, perturbação e pessoa." Jeolás LS, Oliveira M, organizadoras. **Anais do seminário sobre cultura, saúde e doença. Londrina (PR): Editora Fiocruz**, 107-15, 2003.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, p. 173-183, 2003.

FACIOLI, Lara Rodrigues; MISKOLCI, Richard. Conectadas: experiência de subalternidade e ajuda-mútua feminina online entre mulheres de classes populares. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 129-159, 2015.

FELIPPE, Flávia Maria. O Peso Social da Obesidade. **Textos & Contextos** Porto Alegre v.2.n.1: 1-12, 2003

FERNANDES, Luís; BARBOSA, Raquel. A construção social dos corpos periféricos. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 70-82, 2016.

FERNÁNDEZ-RAMÍREZ, Baltasar *et al.* El discurso popular sobre la obesidad. Análisis de contenido de una discusión virtual. **Aposta Revista de Ciencias Sociales**, n. 52, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**, trad. Roberto Machado. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FRANCISCO, Lucas Vieira; DIEZ-GARCIA, Rosa Wanda. Abordagem terapêutica da obesidade: entre conceitos e preconceitos. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 10, n. 3, p. 705-716, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.**: Livros Técnicos e Científicos Editora. Rio de Janeiro, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4 ed. trad Sandra Regina Netz Porto Alegre: Artmed, 2005.

GROESZ, Lisa M.; LEVINE, Michael P.; MURNEN, Sarah K. The effect of experimental presentation of thin media images on body satisfaction: A meta-analytic review. **International Journal of eating disorders**, v. 31, n. 1, p. 1-16, 2002.

HASLAM, David. Obesity: a medical history. **Obesity reviews**, v. 8, n. s1, p. 31-36, 2007.

HELMAN, Cecil G. Corpo: Definições culturais de anatomia e fisiologia. In: **Cultura, saúde e doença**. Tradução Ane Rose Bolner. 5.ed. Porto Alegre: Artmed; 2009

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage. 2000.

ILLOUZ, Eva. Romance and Rationality on the Internet. **American Sociological Association**, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Análise dos resultados produzidos em convenio com o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. Rio de Janeiro, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009: antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil**. IBGE, 2010.

KOZINETS, Robert V. Click to connect: netnography and tribal advertising. **Journal of Advertising Research**., Sep. 2006.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Penso Editora, 2014.

KOZINETS, Robert. V. On netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. **Evanston**, Illinois, 1997.

KOZINETS, Robert. V. The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing **Research in Online Communities**. 2002.

LANGDON, Ester Jean (2009). Dialogando sobre o processo saúde/doença com a Antropologia: entrevista com Esther Jean Langdon. . **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 62, n. 2, p. 323-326, Apr. 2009.

LANGDON, Esther Jean. "Cultura e processos de saúde e doença." Jeolás LS, Oliveira M, organizadoras. **Anais do seminário sobre cultura, saúde e doença. Londrina (PR): Editora Fiocruz**, 91-105. 2003.

LANGER, Roy; BECKMAN, Suzanne C. Sensitive research topics: netnography revisited. *Qualitative Market Research: An International Journal*, v. 8, n. 2, p. 189-203, 2005.

LEAVELL, Hugh.; CLARCK, E.Gurney. **Medicina Preventiva**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

LÉVI-SRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. **Antropologia estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro**, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução - A Obra de Marcel Mauss: (in **Sociologia e Antropologia**). São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

LUZ, Madel T.. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 13-43, June,1997.

MACEDO, Tassia Teles Santana de et al. Percepção de pessoas obesas sobre seu corpo. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 3, p. 505-510, 2015.

MALUF, Sônia W. Corpo. Corporalidade nas culturas contemporâneas: Abordagens antropológicas. Esboços. **Revista do Programas de Pós-Graduação em História**, 2003.

MARCELJA, Karen Grujicic. A busca por uma identidade através da moda plus size. In: **Congresso Internacional Comunicação e Consumo**. 2015. p. 1-15.

MARTIN, Denise; SPINK, Mary Jane; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 295-305, Mar. 2018.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo* (in **Sociologia e Antropologia**). São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

MEURER, Bruna; GESSER, Marivete. O corpo como lócus de poder: articulações sobre gênero e obesidade na contemporaneidade. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008.

MISKOLCI, Richard. Electric bodies: from subjection to the aesthetics of existence. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 3, p. 681-693, 2006.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Rev. Estud. Fem.**.Vol.21, n.1, pp.301-324, 2013.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, p. 275, 2017.

NAKAMURA, Eunice. O método etnográfico nas pesquisas na área da saúde. Uma reflexão antropológica. **Saúde e sociedade**, v.20, n.1, p. 95-103, 2011.

NATIONAL ASSOCIATION TO ADVANDE FAT ACCEPTANCE. NAAFA: the National Association to Advance Fat Acceptance [Online]. Acesso em 20 de julho 2018 : <https://www.naafaonline.com/dev2/about/index.html>

NEVES, Alden dos Santos; MENDONÇA, André Luís de Oliveira. Alterações na identidade social do obeso: do estigma ao fat pride. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 9, n. 3, p. 619-631, 2014.

NUNES, Everaldo Duarte. Saúde Coletiva: uma história recente de um passado remoto. In: CAMPOS, Gastão Wagner et al. (Org.). **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Fiocruz. 2006.

OLIVEIRA, Alexandre Palma de et al. Os “pesos” de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 99-119, out. 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde** (OMS/WHO). Genebra, 1948.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 20, n. 42, p. 377-391, Dec. 2014.

PELERANO, Joana A.; GIMENES-MINASSE, Maria Henriqueta. #Tretanacaverna: uma etnografia virtual sobre consumo alimentar e adaptações à dieta Paleo no Brasil. In: PRADO, Donizete Shirley... [et al.] (org). **Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede**. EdUERJ, 502 p. Rio de Janeiro, 2016.

PESSOA, Fernando. Qualquer caminho leva a toda parte. In **Pessoa por Conhecer. Textos para um Novo Mapa Ed. Estampa, Lisboa, 1990.**

PINTO, Maria Soraia; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Muito mais do que pe(n)sam: percepções e experiências acerca da obesidade entre usuárias da rede pública de saúde de um município do Nordeste do Brasil.. **Physis** - Revista de Saúde Coletiva, Abr-Jun, 443-457, 2010.

POLI NETO, Paulo; CAPONI, Sandra NC. A medicalização da beleza. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, p. 569-584, 2007.

RIGO, Luiz Carlos; SANTOLIN, Cezar Barbosa. Combate à obesidade: uma análise da legislação brasileira. **Movimento**, v. 18, n. 2, 2012.

RODGERS, Rachel; CHABROL, Henri. The impact of exposure to images of ideally thin models on body dissatisfaction in young French and Italian women. **L'encephale**, v. 35, n. 3, p. 262-268, 2009.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. 2ed, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. 2 ed, Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

RODRIGUES, José Carlos. Os corpos na antropologia / The bodies in the anthropology. In. Minayo, Maria Cecília de Souza; Coimbra Júnior, Carlos E. A. **Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina**. Rio de Janeiro, Fiocruz, p.157-182, 2005.

ROSA, Noel. **Com que roupa?** Rio de Janeiro, Galeão. 1929.

SANTOLIN, Cezar Barbosa; RIGO, Luiz Carlos. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 81-94, fev. 2015.

SANTOS, Alessandra Carla Baia dos et al . Antropologia da saúde e da doença: contribuições para a construção de novas práticas em saúde. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 11-21, dez. 2012.

SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole. "Gorda, Sim! Maravilhosa, Também!": Do Ressentimento à Autoestima em Testemunhos de Vítimas de Gordofobia no YouTube. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR.2017.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel; A medida da gordura: O interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana** vol.13, n.1, pp.153-179, 2007.

SEIXAS, Cristiane Marques; BIRMAN, Joel. O peso do patológico: biopolítica e vida nua. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 1, p. 13 26, Mar. 2012.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: risco da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista Famencos**, nº25, Porto Alegre, dez.2004, pp.68-84.

ULIAN, Mariana Dimitrov, et al. "Eu tenho um corpo gordo, e agora? relatos de mulheres obesas que participaram de uma intervenção não prescritiva, multidisciplinar e baseada na abordagem "health at every size®". **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, 2016.

WEBB, Jennifer B. et al. Fat is fashionable and fit: A comparative content analysis of Fatspiration and Health at Every Size® Instagram images. **Body image**, v. 22, p. 53-64, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Obesity - preventing and managing the global epidemic. **Report of a WHO** consultation on obesity. Geneva; 1999.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Obesity and overweight. <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/en/>. Acesso em 09 de abril, 2018.

YU, Haekyung; KO, Sunyoung; KIM, Chanju. Plus-size women and appearance management with a focus on clothing-Grounded theory based exploratory study. **Journal of the Korean Society of Clothing and Textiles**, v. 37, n. 3, p. 306-319, 2013.

ZANETTE, Maria Carolina; LOURENCO, Carlos Eduardo e BRITO, Eliane Pereira Zamith. O peso do varejo, o peso no varejo e a identidade: uma análise de consumidoras plus size. **Rev. adm. empres.** vol.53, n.6, pp.539-550, 2013.